Artes Visuais para Educação Infantil

Artes visuais para Educação Infantil

Artes visuais é a designação dada ao conjunto de artes que representam o mundo real ou imaginário e que tem a visão como principal forma de avaliação e apreensão.

Uma arte visual está relacionada com a beleza estética e com a criatividade do ser humano, capaz de criar manifestações ou obras agradáveis aos olhos.

O conceito de arte visual é muito amplo, envolvendo áreas como o teatro, dança, pinturas, colagens, gravuras, cinema, fotografia, escultura, arquitetura, moda, paisagismo, decoração, etc.

Criança e Cultura

Do nascimento até os 5 anos de idade, as crianças passam por transformações importantes quanto a tamanho, organização biológica, capacidades comportamentais e organização social de experiências – um complicador importante para compreender a associação entre o contexto cultural e os processos de aprendizagem das crianças pequenas.

A aprendizagem é compreendida como uma modificação relativamente permanente no comportamento e na compreensão conseqüente às experiências da criança.

O desenvolvimento implica mudanças qualitativas na organização funcional do cérebro, do corpo e do comportamento individuais da criança, assim como em mudanças concomitantes no relacionamento entre a criança e suas experiências organizadas em termos sócio-culturais.

A cultura desempenha um papel essencial na forma como a criança interpreta o mundo. Uma diferença determinante entre a aprendizagem da criança e qualquer sistema técnico inteligente é que tais sistemas podem reconhecer e organizar informações, mas não podem captar seu significado. O desenvolvimento do significado e a adoção de ferramentas culturais adequadas – símbolos, significados, roteiros, objetivos, etc. – da atividade humana são os desafios básicos da aprendizagem inicial.

Educação Artística

A atividade artística em todas suas vertentes faz parte da educação da maioria dos sistemas acadêmicos. Isto significa que ao longo da formação de um indivíduo em sua fase escolar terá contato com uma série de atividades

artísticas: desenho, pintura, música, dança, cinema, teatro, entre outras.

A formação de um indivíduo é completa quando abrange diversas áreas: línguas, história, ciências e arte. Todas essas áreas do conhecimento são necessárias e por isso estão integradas nos diversos sistemas educativos. Em relação à arte, podemos falar de duas dimensões: uma teórica e outra prática. Deve-se conhecer a história da arte e suas características, mas também sua dimensão prática. Neste sentido, é preciso recordar uma evidência: que a aprendizagem se assimila praticando e no caso da educação artística o estudante aprende exercitando suas destrezas musicais, de desenho e dança.

O objetivo da educação artística é evidente: incentivar a criatividade, a sensibilidade, os valores estéticos e o gosto pela beleza. Assim como certos saberes têm uma dimensão teórica (por exemplo, a matemática) que se projetam de maneira concreta e prática (por exemplo, a engenharia industrial), a educação artística tem algo particular que não pode ser simplificado por incorporar uma parte teórica e outra prática.

Dentro desta linha, deve-se ressaltar que o artístico tem um componente de emancipação e liberdade para o indivíduo. Em outras palavras, não dançamos, cantamos ou desenhamos porque temos algum benefício direto, mas porque estas atividades enriquecem o espírito humano. Este enriquecimento através do artístico não nasce espontaneamente e por isso deve fazer parte da educação em suas diversas etapas.

Se não tivéssemos a educação artística como um dos ramos da arte, certamente não teríamos sensibilidade para valorizar a beleza, por outro lado, nossa vida seria mais pobre espiritualmente. Entretanto, não podemos deixar de lembrar que a aprendizagem de uma atividade artística é dirigida pela formação do artista. Vamos ver o exemplo de um estudante das Belas Artes. Este é um aluno que aprende várias técnicas que lhe servem para poder ser um professor no futuro, assim como é possível optar por outro caminho: ser um artista.

O artista é um comunicador de sua própria arte que transmite ideias, sentimentos e paixões aos demais. O artista é educado academicamente conhecendo certas matérias como a história e os estilos de arte. Por último, cada artista se torna uma referência de sua atividade, um ícone para o público que valoriza sua mensagem criativa. Assim o artista é educado e por sua vez também educa.

Ensino de arte

Arte-educação, ensino de arte ou educação artística é uma disciplina educativa que oportuniza, ao indivíduo, o acesso à arte como linguagem expressiva e forma de conhecimento.

A educação em arte, assim como a educação geral e plena do indivíduo, acontece na sociedade de duas formas:

assistematicamente através dos meios de comunicação de massa e das manifestações não institucionalizadas da cultura, como as relacionadas ao folclore (entendido como manifestação viva e em mutação, não limitada apenas à preservação de tradições);

e sistematicamente na escola ou em outras instituições de ensino.

A arte-educação tem um objetivo maior que a formação de profissionais dedicados a esta área de conhecimento: no âmbito da escola regular, busca oferecer, aos indivíduos, condições para que ele compreenda o que ocorre nos planos da expressão e do significado ao interagir com as artes, permitindo, dessa forma, sua inserção social de maneira mais ampla.[2] Nesse sentido, os museus são uma ferramenta muito útil para a observação de uma forma mais condensada e intensa de diversas manifestações artísticas - sejam elas da contemporaneidade ou não.

Educação Artística

O quê pode ser avaliado em Artes? Atualmente a Arte em sala de aula tende a ser desenvolvida a através de projetos, onde cada estudante exerce funções determinadas que mais lhe interessem. Não é mais necessário que todos façam tudo, mas que cada indivíduo tenha a oportunidade de explorar o que tenha de melhor. Além disso valoriza-se a avaliação do processo de desenvolvimento, e não somente avaliar o resultado do processo. Fernando Hernandez propõe que o estudante realize o portfólio para organizar seus trabalhos e permitir a auto avaliação. O portfólio serve como um registro da trajetória de desenvolvimento do estudante, e pode ser visto tanto pelo professor como pelo próprio estudante, visando o desenvolvimento da autonomia em sala de aula. No portfólio o estudante coloca anotações sobre as leituras realizadas de obras de arte , dados informativos sobre períodos

históricos e anotações sobre sua própria produção, além de imagens do trabalho que julgue importantes. O formato do portfólio é de livre escolha, desde que haja justificativa para legitimar. O portfólio permite que o professor tenha subsidios informativos sobre o processo de desenvolvimento dos estudantes, mas principalmete que os próprios estudantes cultivem o hábito de auto avaliarem-se, a fim de descobrirem a responsabilidade sobre seus processos de aprendizagem. O portfólio tem este caráter de liberdade de escolha dos conteúdos a serem armazenados por que temos o interesse que os estudantes aprendam a escolher o que realmente lhes interessa. E se escolhem, é por que a motivos para escolher. E os motivos pelos quais eles escolhem interessa discutir em sala de aula, pois o fim maior da nossa ação educativa é que os estudantes uzem o conhecimente que adquirem na vida prática. Que eles tenham condições de uzarem os recursos que usam para ler uma obra de arte para lerem todas as imagens que constituem a Cultura Visual na Atualidade, assim com de outras épocas, e não só as imagens concernentes ao universo das Artes Pláticas.

Mas é imprecindível que no começo de cada semestre ou ano de estudo, antes de propor e realizar o sistema de ensino atraves de projetos de trabalho e Portfólios, os estudantes fiquem inteirados sobre o que significam essas propostas. Para isso o professor tem que dedicar duas ou mais aulas para esclarescer os objetivos que se pretendem com a proposta. Este passo inicial interessa para a avaliação posterior, pois os portfólios permitem analisar os pontos que deram errado na trajetória de ensino e aprendizagem.

O que é Arte?

A arte é uma das melhores maneiras do ser humano expressar seus sentimentos e emoções. Ela pode estar representada de diversas maneiras, através da pintura plástica, escultura, cinema, teatro, dança, música, arquitetura, dentre outros.

A arte é o reflexo da cultura e da história, considerando os valores estéticos da beleza, do equilíbrio e da harmonia.

Desde a pré-história, na pintura rupestre, verificamos a necessidade do homem em representar a realidade sob a sua perspectiva e percepção. A arte evolui com o tempo e em cada época, de acordo com o contexto histórico, observa-se uma tendência a certo estilo.

A arte pode ser também definida como algo inerente ao ser humano, feito por artistas a partir de um senso estético, com o objetivo de despertar e estimular o

interesse da consciência de um ou mais espectadores, além de causar algum efeito. Cada expressão artística possui significado único e diferente.

Está interligada à estética pelo fato de ser potencial do homem de imprimir beleza ou se esforçar para materializar (ou imaterializar) algo que o inspira.

A história da arte é um área do conhecimento que analisa os estilos artísticos, suas modificações, obras de arte, artistas e o valor estético das obras produzidas. Esse estudo é realizado de acordo com o cenário social/político/religioso que a sociedade viveu ou vive em determinado período. Outras ciências auxiliam nessas análises tais como a arqueologia, história, paleografia, filosofia, sociologia, etc.

É uma disciplina que está no plano de aula de alguns cursos superiores e também como curso de graduação para aqueles que desejam se formar na área e exercer profissão de curador, crítico de arte (realiza uma análise sobre as obras, artistas ou expositores) ou gestor de museus, galerias, centros culturais e escolas de arte.

Tipos de Artes

De acordo com o segmento, a arte pode ser classificada de várias maneiras: artes plásticas, artes cênicas, artes visuais, etc. Além disso, existem graduações específicas para que uma pessoa se especialize na área de sua escolha. Veja a definição de algumas:

Artes Plásticas:está relacionada a escultura, arquitetura, artes gráficas e o artesanato.

Artes Visuais: é a classificação dada para todos os tipos de arte que retratam a realidade ou a imaginação e que tem a visão como um dos principais recursos para estudo. Envolve áreas como a pintura, cinema, decoração, jogos, etc.

Artes Cênicas: é o estudo de todas as formas de expressão realizadas através da dança, do teatro ou da música.

Segundo autores como Hegel e Ricciotto Canudo (que considerou o cinema como 7ª arte através do Manifesto das Sete Artes e Estética da Sétima Arte, em 1912), teóricos e críticos de arte, há uma lista numerada do que pode ser considerado arte nos dias atuais, principalmente com o advento da tecnologia:

Música: é um tipo de arte que se baseia em sons e ritmos de acordo com determinado período de tempo;

Dança/Coreografia: a dança está classificada dentro das artes cênicas, e é uma forma de movimento que se realiza com o corpo baseado ou não em uma coreografia (arte de criar roteiros/trilhas de movimentos para realizar uma dança);

Pintura: está relacionada a cor e suas variações, bem como a forma com que o artísta a utiliza em uma superfície;

Escultura: é uma forma de arte em que há a criação de imagens plásticas em relevo utilizando vários tipos de materiais (bronze, mármore, argila, madeira, etc.);

Teatro: é um tipo de arte em que um ou mais atores encenam uma determinada história ou situação em local específico (anfiteatros, praças, ruas, etc.);

Literatura: é uma arte que utiliza a palavra para criação de histórias ou poesias de acordo com técnicas específicas;

Cinema: é uma arte e técnica criada para a reprodução de imagens com movimento em uma tela;

Fotografia: se baseia em imagens e técnicas para capturar paisagens e seus diversos momentos;

Histórias em Quadrinhos: forma de arte que utiliza a cor, a palavra e imagem para narrar uma história;

Jogos de Computador e de Vídeo: constitui na criação de jogos que podem ser reproduzidos por meio de uma aparelho eletrônico com imagens, cores e sons que fazem com que o jogador interaja com ele;

Arte digital: é a arte produzida por meio de programas de computador relacionados às artes gráficas, que possibilitam criações em 3D e 2D.

O que é Arte?

Arte é a atividade humana ligada a manifestações de ordem estética, feita por artistas a partir de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de estimular esse interesse de consciência em um ou mais espectadores, e cada obra de arte possui um significado único e diferente.

A arte está ligada à estética, porque é considerada uma faculdade ou ato pelo qual, trabalhando uma matéria, a imagem ou o som, o homem cria beleza ao se esforçar por dar expressão ao mundo material ou imaterial que o inspira. Na

história da filosofia tentou se definir a arte como intuição, expressão, projeção, sublimação, evasão, etc. Aristóteles definiu a arte como uma imitação da realidade, mas Bergson ou Proust a veem como a exacerbação da condição atípica inerente à realidade. Kant considera que a arte é uma manifestação que produz uma "satisfação desinteressada".

De acordo com o Romantismo, Vitalismo, Fenomenologia, Marxismo, surgem também outras e novas interpretações de "arte". A dificuldade de definir arte está na sua direta relação e dependência com a conjuntura histórica e cultural que a fazem surgir. Isso acontece porque quando um estilo é criado e estabilizado, ele quebra com os sistemas e códigos estabelecidos.

Arte é um termo que vem do latim, e significa técnica/habilidade. A definição de arte varia de acordo com a época e a cultura, por ser arte rupestre, artesanato, arte da ciência, da religião e da tecnologia. Atualmente, arte é usada como a atividade artística ou o produto da atividade artística. A arte é uma criação humana com valores estéticos, como beleza, equilíbrio, harmonia, que representam um conjunto de procedimentos utilizados para realizar obras.

Para os povos primitivos, a arte, a religião e a ciência andavam juntas na figura, e originalmente a arte poderia ser entendida como o produto ou processo em que o conhecimento é usado para realizar determinadas habilidades.Para os gregos, havia a arte de se fazer esculturas, pinturas, sapatos ou navios.

A arte é um reflexo do ser humano e muitas vezes representa a sua condição social e essência de ser pensante.

História da Arte

A história da arte consiste em uma ciência que estuda os movimentos artísticos, as modificações na valorização estética, as obras de arte e os artistas. Esta análise é feita de acordo com a vertente social, política e religiosa da época que é estudada. Várias outras ciências servem de auxílio para a história da arte, como a numismática, paleografia, história, arqueologia, etc.

Através da história da arte é possível aprender um pouco sobre o ser humano através a evolução das diversas expressões e manifestações artísticas.

A arte apresenta-se através de diversas formas como, a plástica, música, escultura, cinema, teatro, dança, arquitetura etc. Existem várias expressões que servem para descrever diferentes manifestações de arte, por exemplo: artes plásticas, artes cênicas, arte gráfica, artes visuais, etc.

A Arte (do latim “Ars” que significa técnica ou habilidade) é uma manifestação humana de ordem comunicativa muito antiga, a qual possui um caráter estético e está intimamente relacionada com as sensações e emoções, por exemplo, a pintura, a dança, a música, o cinema, a literatura, a arquitetura.

Segundo o poeta brasileiro Ferreira Gullar: “ A Arte existe porque a vida não basta”. De acordo com sua reflexão, podemos compreender a necessidade humana de criar e/ou sentir a arte.

Note portanto, que a arte tem uma importante função social, na medida que expõe características históricas e culturais de determinada sociedade, tornando-se um reflexo da essência humana.

Para o filósofo grego Aristóteles a arte era uma imitação da realidade. Esse conceito, mais tarde, foi duramente refutado por diversas correntes artísticas que compreendiam que a arte não era somente baseada na imitação da realidade, e sim, na criação. Para um dos mais proeminentes artistas do período renascentista, Leonardo Da Vinci, “A Arte era coisa mental”.

De tal modo, o conceito de Arte sempre foi muito discutido e durante a Idade Média havia duas vertentes sobre ela: as artes manuais (ou mecânicas) e as artes liberais (ou intelectual), donde a primeira era inferior à segunda, posto que, para muitos estudiosos, a arte somente era criada a partir do intelecto.

Atualmente, a questão está mais desenvolvida, no entanto, o trabalho manual, ainda é, muitas vezes, subjugado pelo trabalho intelectual.

Vale lembrar que os dois tipos de trabalhos são mentais ao mesmo tempo que partilham a criação artística, por exemplo, se pensarmos no artesão e no artista intuímos que ambos fazem arte, entretanto, o primeiro é, em grande parte, considerado um indivíduo que produz uma “arte menor” em relação ao outro. Essa analogia da "arte erudita" e da "arte popular" permanece até os dias de hoje, sendo pauta de discussão de muitos estudiosos.

A história da arte é um ramo da ciência que estuda os processos artísticos dentro do contexto em que foram realizados. Assim, com o intuito de facilitar os estudos, a arte está dividida em períodos, a saber:

Arte Pré-Histórica: período anterior a 3000 a.C., por exemplo, a arte rupestre.

Arte Antiga: de 3000 a.C. até 1000 a.C., por exemplo a arte egípcia.

Arte Clássica: de 1000 a.C. a 300 d.C., por exemplo a arte grega e romana.

Arte Medieval: de 300 a 1350, por exemplo, a arte gótica.

Arte Moderna: 1350 a 1850, por exemplo, a arte neoclássica.

Arte Contemporânea: de 1850 aos dias atuais, por exemplo, a arte conceitual.

Arte Rupestre

A arte rupestre representa uma das mais antigas manifestações artísticas que surgiu a milhões de anos no contexto da pré-história. São desenhos ou pinturas, os quais foram produzidos, sobretudo, em cavernas, por diversos povos antigos.

Nesse sentido, podemos refletir sobre a necessidade humana de se expressar, expor suas ideias, uma vez que por meio do fazer artístico o homem libera suas emoções.

Antigamente, o artista era considerado um ser especial, enviado por Deus e que possuía grande poder. Representava, assim, um intermediário do mundo espiritual e material.

Arte Sacra

A Arte Sacra representa o conjunto de obras que possuem como temática principal a religião. Foi muito explorada antes do período do Renascimento (na Idade Antiga, Clássica e Medieval), sendo umas das principais formas de expressão durante séculos, por exemplo, as ilustrações, estátuas de santos e a arquitetura sacra encontrada em diversas igrejas ou templos.

Arte Barroca

Com o advento do Renascimento e as significativas mudanças que ocorreram na Europa no século XV (cientificismo, contrarreforma, surgimento da burguesia, antropocentrismo e humanismo), o artista barroco encontra na arte o local necessário para expor a confusão causada pela mudança de paradigmas.

Foi assim que a arte barroca, se distanciou, em partes, da Arte Sacra, criando uma arte mais erótica, profana, cotidiana e, portanto, não tanto idealizada.

Arte Moderna

A arte moderna surge no contexto da Revolução Industrial a partir do século XVIII.

Na arte moderna, o conceito sobre arte amplia-se um pouco e chega até a ser considerada uma "anti-arte", ou seja, ela não se preocupada com o teor estético e sim com a mensagem a ser transmitida.

Arte Abstrata

Uma das características das artes visuais do período moderno foi o surgimento da corrente artística denominada Abstracionismo.

De tal modo, a arte abstrata propõe uma obra visual não representacional, ou seja, ela prioriza as formas abstratas em detrimento de figuras que fazem parte da realidade.

Arte Contemporânea

A arte contemporânea ou arte pós-moderna surgiu no século XX, embora muitos estudiosos preferem indicar sua origem em finais do século XIX.

A arte contemporânea abrange um conceito de arte mais aberto, sendo pautado, portanto, na originalidade, experimentações artísticas e técnicas inovadoras.

Assim, ela admite diversas modalidades e linguagens artísticas bem como a mistura entre elas. Hoje, fala-se em arte performática, arte multimídia, arte étnica, dentre outros.

Da mesma maneira que a arte moderna, a arte contemporânea foca na ideia a ser transmitida em detrimento do valor estético da obra.

Sua principal função é fazer as pessoas pensarem, não somente com obras que abrigam conceitos estéticos de harmonia, de beleza, mas a partir de obras que muitas vezes extrapolam os limites da consciência humana. A ideia é que pelo choque estético, aconteça a fruição das obras de arte, através de processos catárticos.

Artes Visuais

Importante conhecer o conceito de Artes Visuais, uma vez que tem gerado muita confusão.

Algumas pessoas acreditam que as artes visuais incluem somente as pinturas.

No entanto, o conceito de artes visuais é muito mais amplo e está relacionado com o próprio nome “visual”. Ou seja, representa aquela arte que conseguimos ver: pintura, escultura, arquitetura, teatro, dança, fotografia, dentre outras.

O que ensinar em Arte?

Durante muitos anos, o ensino de Arte se resumiu a tarefas pouco criativas e marcadamente repetitivas. Desvalorizadas na grade curricular, as aulas dificilmente tinham continuidade ao longo do ano letivo. "As atividades iam desde ligar pontos até copiar formas geométricas. A criança não era considerada uma produtora e, por isso, cabia ao professor dirigir seu trabalho e demonstrar o que deveria ser feito.

Nas últimas duas décadas, essa situação vem mudando nas escolas brasileiras. Hoje, a tendência que guia a área é a chamada sociointeracionista, que prega a mistura de produção, reflexão e apreciação de obras artísticas. Como defendem os próprios PCNs, é papel da escola "ensinar a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias."

Infelizmente, ainda há professores trabalhando na chamada metodologia tradicional, que supervaloriza os exercícios mecânicos e as cópias por acreditar que a repetição é capaz de garantir que os alunos "fixem modelos". Sob essa ótica, o mais importante é o produto final (e ele é mais bem avaliado quanto mais próximo for do original). É por isso que, além de desenhos pré-preparados, tantas crianças tenham sido obrigadas ao longo dos tempos a apenas memorizar textos teatrais e partituras de música para se apresentar em datas comemorativas - sem falar no treino exaustivo e mecânico de habilidades manuais em atividades de tecelagem e bordado.

Só nos anos 1960, com o surgimento do movimento da Escola Nova, ideias modernizadoras começaram a influenciar as aulas de Arte. Na época, a proposta era romper totalmente com o jeito anterior de trabalhar. Segundo esse modelo, batizado de escola espontaneísta (ou livre expressão), os professores forneciam materiais, espaço e estrutura para as turmas criarem e não interferiam durante a produção dos estudantes. Tudo para permitir que a arte surgisse naturalmente nos estudantes, de dentro para fora e sem orientações que pudessem atrapalhar esse processo. "Achava-se que a criança tinha uma arte própria e o adulto não deveria interferir

Alguns anos mais tarde, novas concepções foram sendo construídas, abrindo espaço para a consolidação da perspectiva sociointeracionista, a mais indicada pelos especialistas hoje por permitir que crianças e jovens não apenas conheçam as manifestações culturais da humanidade e da sociedade em que estão inseridas, mas também soltem a imaginação e desenvolvam a criatividade, utilizando todos os equipamentos e ferramentas à sua disposição.

Na década de 1990, duas importantes inovações pavimentaram o caminho para o modelo atual: na Espanha, Fernando Hernández defendeu o estudo da chamada cultura visual (muito além das artes visuais clássicas, era necessário, segundo ele, trabalhar com videoclipes, internet, histórias em quadrinhos, objetos populares e da cultura de massa, rótulos e outdoors nas salas de aula).

Reprodução e releitura

Mostrar uma obra de arte, discutir suas características e pedir que cada aluno faça o mesmo desenho no caderno não é propor uma releitura. Isso é reprodução ou cópia. Na releitura, parte-se de uma obra para criar outro trabalho (ou seja, o estudante transforma e interpreta).

A Arte desenvolve a criatividade - e outras habilidades - se os conteúdos são aprendidos. Mas o mesmo ocorre quando o aluno levanta uma hipótese na aula de Ciências ou pensa numa estratégia para um problema em Matemática. A criatividade independe da disciplina.

Dança no processo Ensino

A dança enquanto um processo educacional, não se resume simplesmente em aquisição de habilidades, mas sim, poderá contribui para o aprimoramento das habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento, no desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo. O uso da dança como prática pedagógica favorece a criatividade, além de favorecer no processo de construção de conhecimento.

Este trabalho tem como objetivo refletir a importância da dança na escola, como instrumento de socialização, para a formação de cidadãos críticos, participativos e responsáveis. A dança, sendo uma experiência corporal, possibilitará aos alunos novas formas de expressão e comunicação, levando-os à descoberta da sua linguagem corporal, que contribuirá para o processo ensino aprendizagem.

Pode-se dizer então, que a dança enquanto um processo educacional, não se resume simplesmente em aquisição de habilidades, mas sim, poderá estar contribuindo para o aprimoramento das habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento, no desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo. Além de favorecer no processo de construção de conhecimento.

Além do mais, a Dança na escola não é a arte do espetáculo, é educação através da arte. A dança tem suma importância para alcançar os objetivos da Educação, um deles sendo o desenvolvimento dos aspectos afetivo e social, portanto esta prática propicia ao aluno grandes mudanças internas e externas, no que se refere ao seu comportamento, na forma de se expressar e pensar.

A dança, em sentido geral, caracteriza-se pela arte de mover o corpo e assume papel fundamental nos dias de hoje, enquanto forma de expressão torna-se praticamente indispensável para vivermos presentes, críticos e participantes em sociedade.

Fazendo uma analogia histórica, observa-se que todos os povos, desde a Antigüidade, cultivavam formas expressivas como as danças, os jogos e as lutas. De acordo com VERDERI (2009): “O homem primitivo dançava por inúmeros significados: caça, colheita, alegria, tristeza,... O homem dançava para tudo que tinha significado, sempre em forma de ritual.”

Isso nos faz perceber que a dança é realmente uma das artes mais antiga que o homem experimentou. E que ao longo dos anos evoluiu em conceitos, nos fatos sociais e culturais, relevando a relação do homem com o mundo e seus diferentes meios de vida.

Percebemos também que, o movimento dançado foi a primeira forma de expressão emotiva, manifestação dos temores e sentimetos. Logo passou a ser

uma cerimonia, espetáculos, celebração, e por fim uma forma de divertimento e aprendizagem.

Podemos observar que a dança foi uma forma de expressão de varios acontecimentos que marcaram época na humanidade, a partir dela o homem pode demonstrar papéis sociais e desempenhar relações dentro de uma sociedade.

Ao longo da história a dança foi associada também ao universo pedagógico, pois além de uma forma de diversão e espetáculo é, de acordo com FERRARI(2003)," educação". Na educação, ela está voltada para o desenvolvimento global da criança e do adolescente, favorecendo todo tipo de aprendizado que eles necessitam.

Diante disso, podemos compreender que a dança tem grande valor pedagógico.

Ela possui uma importante ligação com a educação, visto que no universo pedagógico ela auxilia o desenvolvimento do aluno, facilitando sua aprendizagem e resultando na construção do conhecimento. De fato a dança também é um meio de educação

Atualmente, não só na área da educação, mas também em outras áreas, pensa-se no indivíduo como um todo e, portanto, amplia-se o conceito de educação, para o conceito do processo de ensino-aprendizagem.

As reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem nos permitem levar todos a repensarem a prática educativa. Entender hoje as escolas e observar as salas de aula como uma comunidade culturalmente constituída por meio da participação de diferentes sujeitos, que assumem diferentes papéis no processo ensino-aprendizagem. GARRIDO (2002)

Diante de tantas reflexões, a situação atual da prática educativa das escolas ainda demonstra os alunos com pouca ou nenhuma capacidade de poder crítico-reflexivo, a obrigação dos mesmos em decorar os conteúdos, além da hierarquia entre educador e educando.

Artes visuais na educação básica

O ensino de artes visuais na educação básica é fundamental para o desenvolvimento de habilidades e para o reconhecimento de aptidões. Afinal, nem todos os alunos serão matemáticos ou historiadores.

A arte na escola tem um poder transformador. Ela desenvolve a criatividade, a capacidade de solucionar problemas, melhora a autoestima, faz o aluno desafiar seus limites e aumenta seu repertório cultural e estético.

Um ponto significativo do processo de aprendizagem é o momento em que o aluno, com autonomia, começa a apreciar o trabalho artístico, interpretando e identificando suas características. O aluno também passa a consumir arte de forma natural, seja através de filmes, vídeos, música, internet ou até mesmo ao observar a arte ao seu redor no cotidiano.

Não existe uma idade ideal para começar a ter aulas de arte. Na escola onde trabalho, os alunos começam a ter aulas de arte a partir dos seis anos de idade.

As crianças e os adolescentes de hoje são os maiores consumidores de vídeos na internet, este consumo é feito principalmente através de celulares.

Por isso, esse pequeno aparelho precisa deixar de ser o “vilão” da sala de aula para se tornar ferramenta de trabalho. A partir deste ponto desenvolvo um trabalho que inclui aulas de produção audiovisual no currículo de Artes Visuais.

Funciona da seguinte forma, eu proponho aos alunos a criação de um vídeo com tema livre e digo que este vídeo será gravado com o celular. Depois desenvolvemos a ideia, assistimos filmes e vídeos juntos, eles pesquisam referências, aprendem noções de roteiro, de produção, de edição e então gravamos.

Para desenvolver a autonomia do aluno na escola, o professor e toda comunidade escolar precisa acreditar na capacidade, daquela criança ou adolescente, em articular, criar e desenvolver seus próprios projetos. Por isso, é muito importante ouvir o aluno, entender seus interesses e oferecer oportunidades.

A arte se torna um caminho à autonomia por abranger diversas formas de expressão, por exemplo: um projeto de saúde pode utilizar a linguagem do funk ou do rap para transmitir uma mensagem. Se aluno domina alguma manifestação artística, ele pode ser multiplicador deste conhecimento com os demais colegas e professores.

A arte no Brasil ainda é muito mal compreendida. Por consequência da falta de conhecimento as aulas de artes são consideradas, na maioria das vezes, como “momento de lazer” do aluno.

Mas na verdade a disciplina de artes, em geral, é um espaço dedicado à construção estética, ao desenvolvimento de habilidades, ao aprendizado artístico, cultural e muito mais. É importante que ela esteja presente nas escolas e na vida.

Artes Plásticas, Belas Artes, Artes Visuais, Design Gráfico, Design de Moda, Design Industrial, Design de Produto…

Artes plásticas e belas-artes: “são as formações expressivas realizadas utilizando-se de técnicas de produção que manipulam materiais para construir formas e imagens que revelem uma concepção estética e poética em um dado momento histórico.(…)”

Design: “é a idealização, criação, desenvolvimento, configuração, concepção, elaboração e especificação de artefatos, normalmente produzidos industrialmente ou por meio de sistema de produção seriada que demanda padronização dos componentes e desenho normalizado. (…)”

Artes plásticas

As artes plásticas ou belas-artes são as formações expressivas realizadas utilizando-se de técnicas de produção que manipulam materiais para construir formas e imagens que revelem uma concepção estética e poética em um dado momento histórico. O surgimento das artes plásticas está directamente relacionado com a evolução da espécie humana. O artista plástico lida com papel, tinta, gesso, argila, madeira e metais, programas de computador e outras ferramentas tecnológicas para produzir suas peças.

As artes plásticas surgiram na pré-história. Existem diversos exemplos da pintura rupestre em cavernas. Até os dias atuais há sempre uma necessidade de expressão artísticautilizando novos meios. É nas artes plásticas que encontramos o uso de novos meios para a criação, invenção e apreciação estética.

Artes visuais

As Artes Visuais são as formas de arte como a cerâmica, desenho, pintura, escultura, gravura, design, artesanatos, fotografia, vídeo, produção cinematográfica e arquitetura. Muitas disciplinas artísticas (artes cênicas, arte conceitual, artes têxteis) envolvem aspectos das artes visuais, bem como artes de outros tipos. Também incluído no campo das artes visuais são as artes aplicadas tais como desenho industrial, desenho gráfico, design de moda, design de interiores e arte decorativa.

Desenho

O desenho é um suporte artístico ligado à produção de obras bidimensionais, diferindo, porém, da pintura e da gravura. Neste sentido, o desenho é encarado tanto como processo quanto como resultado artístico. No primeiro caso, refere-se ao processo pelo qual uma superfície é marcada aplicando-se sobre ela a pressão de uma ferramenta (em geral, um lápis, caneta ou pincel) e movendo-a, de forma a surgirem pontos, linhas e formas planas. O resultado deste processo (a imagem obtida), portanto, também pode ser chamada de desenho. Desta forma, um desenho manifesta-se essencialmente como uma composição bidimensional formada por linhas, pontos e formas.

O desenho envolve uma atitude do desenhista (o que poderia ser chamado de desígnio) em relação à realidade: o desenhista pode desejar imitar a sua realidade sensível, transformá-la ou criar uma nova realidade com as características próprias da bidimensionalidade ou, como no caso do desenho de perspectiva, a tridimensionalidade.

Desenho, gravura, pintura

Entre os suportes artísticos tradicionais, três deles manifestam-se em duas dimensões: o próprio desenho, a gravura e a pintura. Embora o resultado formal de cada um deles seja bastante diferente (embora o desenho e a gravura sejam similares), a grande diferença entre eles se encontra na técnica envolvida.

A gravura difere do desenho na medida em que ela é produzida pensando-se na sua impressão e reprodução. Seus meios mais comuns de confecção são a xilogravura (em que a matriz é feita de madeira), a litogravura (cuja matriz é composta de algum tipo de pedra), a gravura propriamente dita (cuja matriz é metálica) e a Serigrafia (cuja matriz é uma tela) uma técnica de imprimir sobre tecido. Existe ainda uma técnica chamada monotipia, mais próxima da pintura, na qual se obtem apenas uma impressão.

Material

A escolha dos meios e materiais está intimamente relacionada à técnica escolhida para o desenho. Um mesmo objeto desenhado a bico de pena e a grafite produz resultados absolutamente diferentes.

As ferramentas de desenho mais comuns são o lápis, o carvão, os pastéis, crayons e pena e tinta. Muitos materiais de desenho são à base de água ou óleo e são aplicados secos, sem nenhuma preparação. Existem meios de desenho à base d'água (o "lápis-aquarela", por exemplo), que podem ser desenhados como os lápis normais, e então umedecidos com um pincel molhado para produzir vários efeitos. Há também pastéis oleosos e lápis de cera. Muito raramente, artistas utilizam tinta invisível (geralmente já revelada).

Gravura

Gravura é uma imagem obtida através da impressão de uma matriz artesanal. O material da matriz pode variar, e classifica o tipo da gravura .

Tipos de gravura

Em horizonte: o sulco vai receber a tinta e aparece como positivo no trabalho final.

Em relevo: a superfície em alto relevo é que recebe a tinta, e o sulco aparece em negativo (sem a presença da tinta).

A gravação da imagem é um processo de incisão (riscar, gravar) sobre determinada superfície ou material que se tornará a matriz da gravura. O resultado de uma ou mais técnicas de impressão, consiste na transferência da “imagem” da matriz para outro tipo de suporte, como papel ou tecido.

Colagem

Colagem é a composição feita a partir do uso de matérias de diversas texturas, ou não, superpostas ou colocadas lado a lado, na criação de um motivo ou

imagem. Foi utilizada por Picasso e Georges Braque, entre outros. Ela é uma técnica não muito antiga, criativa e bem divertida, que tem por procedimento juntar numa mesma imagem outras imagens de origens diferentes.

A colagem já era conhecida antes do século XX, mas era considerada uma brincadeira de crianças. O cubismo foi o primeiro movimento artístico a utilizar colagem. Os cubistas colavam pedaços de jornal ou impressos em suas pinturas. A colagem como procedimento técnico tem uma história antiga, mas sua incorporação na Geografia do século XX, com o cubismo, representa um ponto de inflexão na medida em que liberta o artista do jugo da superfície. Ao abrigar no espaço do quadro elementos retirados da realidade - pedaços de jornal e papéis de todo tipo, tecido, madeira, objeto e outros -, a pintura passa a ser concebida como construção sobre um suporte, o que dificulta o estabelecimento de fronteiras rígidas entre pintura e escultura.

Arte

Arte (do termo latino ars, significando técnica e/ou habilidade) pode ser entendida como a atividade humana ligada às manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada por meio de uma grande variedade de linguagens, tais como: arquitetura, desenho, escultura, pintura, escrita, música, dança, teatro e cinema, em suas variadas combinações. O processo criativo se dá a partir da percepção com o intuito de expressar emoções e ideias, objetivando um significado único e diferente para cada obra.

O principal problema na definição do que é arte é o fato de que esta definição varia com o tempo e de acordo com as várias culturas humanas. Devemos, pois, ter em mente que a própria definição de arte é uma construção cultural variável e sem significado constante. Muito do que hoje uma cultura ou grupo chama de arte não era ou não é considerado como tal por culturas ou grupos diferentes daqueles onde foi produzida, e até numa mesma época e numa mesma cultura pode haver múltiplas acepções do que é arte. As sociedades pré-industriais em geral não possuem ou possuíam sequer um termo para designar arte. Numa visão muito simplificada, a arte está ligada principalmente a um ou mais dos seguintes aspectos:

a manifestação de alguma habilidade especial,

a criação artificial de algo pelo ser humano;

o desencadeamento de algum tipo de resposta no ser humano, como o senso de prazer ou beleza;

a apresentação de algum tipo de ordem, padrão ou harmonia;

a transmissão de um senso de novidade e ineditismo;

a expressão da realidade interior do criador;

a comunicação de algo sob a forma de uma linguagem especial;

a noção de valor e importância;

a excitação da imaginação e a fantasia;

a indução ou comunicação de uma experiência-pico;

coisas que possuam reconhecidamente um sentido;

coisas que deem uma resposta a um dado problema.

Ao mesmo tempo, mesmo que uma dada atividade seja considerada arte de modo geral, há muita inconsistência e subjetividade na aplicação do termo. Por exemplo, é hábito, entre os ocidentais, chamar de arte o canto operístico, mas cantar despreocupadamente enquanto trabalhamos muitas vezes não é tido como arte. Pode haver, assim, uma série de outros parâmetros que as culturas empregam para separar o que consideram arte do que não consideram.

Mesmo que se possa, em tese, estabelecer parâmetros gerais válidos consensualmente, a análise de cada caso pode ser extraordinariamente complexa e inconsistente. Num contexto geográfico, se a cultura ocidental chama de arte a ópera, possivelmente uma cultura não ocidental poderia considerar aquele tipo de canto muito estranho. Na perspectiva histórica, muitas vezes um objeto considerado artístico em uma determinada época pode ser considerado não artístico em outra.

História do conceito

No ocidente, um conceito geral de arte, ou seja, aquilo que teriam em comum coisas tão distintas como, por exemplo, um madrigal renascentista, uma catedral gótica, a poesia de Homero, os autos de mistério medievais, um retábulo barroco, só começou a se formar em meados do século XVIII, embora a palavra já estivesse em uso há séculos para designar qualquer habilidade especial.

Na Antiguidade clássica, uma das principais bases da civilização ocidental e a primeira cultura que refletiu sobre o tema, considerava-se arte qualquer

atividade que envolvesse uma habilidade especial: habilidade para construir um barco, para comandar um exército, para convencer o público em um discurso, em suma, qualquer atividade que se baseasse em regras definidas e que fosse sujeita a um aprendizado e desenvolvimento técnico. Em contraste, a poesia, por exemplo, não era tida como arte, pois era considerada fruto de uma inspiração. Platão definiu arte como uma capacidade de fazer coisas de modo inteligente através de um aprendizado, sendo um reflexo da capacidade criadora do ser humano; Aristóteles a definiu como uma disposição de produzir coisas de forma racional, e Quintiliano a entendia como aquilo que era baseado em um método e em uma ordem. Já Cassiodoro destacou seu aspecto produtivo e ordenado, assinalando três funções para ela: ensinar, comover e agradar ou dar prazer.

Essa visão atravessou a Idade Média, mas, no Renascimento, iniciou-se uma mudança, separando-se os ofícios produtivos e as ciências das artes propriamente ditas e incluindo-se, pela primeira vez, a poesia no domínio artístico. A mudança foi influenciada pela tradução para o italiano da Poética de Aristóteles e pela progressiva ascensão social do artista, que buscava um afastamento dos artesãos e artífices e uma aproximação dos intelectuais, cientistas e filósofos. O objeto artístico passou a ser considerado tanto fonte de prazer como meio de assinalar distinções sociais de poder, riqueza e prestígio, incrementando-se o mecenato e o colecionismo. Começaram a aparecer também diversos tratados sobre as artes, como o De pictura, De statua e De re aedificatoria, de Leon Battista Alberti, e os Comentários de Lorenzo Ghiberti. Ghiberti foi o primeiro a periodizar a história da arte, distinguindo a arte clássica, a arte medieval e a arte renascentista.

O Renascimento e o Maneirismo assinalam o início da arte moderna. O conceito de beleza se relativizou, privilegiando-se a visão pessoal e a imaginação do artista em detrimento do conceito mais ou menos unificado e de índole científica do Renascimento. Também se deu valor ao fantástico e ao grotesco. Para Giordano Bruno, havia tantas artes quantos eram os artistas, introduzindo o conceito de originalidade, pois, para ele, a arte não tem normas, não se aprende e procede da inspiração.

No século XVIII, começou a se consolidar a estética como um elemento-chave para a definição de arte como hoje a entendemos - a despeito da vagueza e inconsistências do conceito. Até então, toda a arte do ocidente estava indissociavelmente ligada a uma ou mais funções definidas, ou seja, era uma atividade essencialmente utilitária: servia para a transmissão de conhecimento, para a estruturação e decoração de rituais e festividades, para a invocação ou mediação de poderes espirituais ou mágicos, para o embelezamento de edifícios, locais e cidades, para a distinção social, para a recordação da história e a preservação de tradições, para a educação moral, cívica, religiosa e

cultural, para a consagração e perpetuação de valores e ideologias socialmente relevantes, e assim por diante.

Esta mudança de paradigma estava ligada a transformações culturais desencadeadas pelo cientificismo e pelo iluminismo. Estas correntes de pensamento passaram a defender a tese de que a arte não era uma ciência, não podia descrever com exatidão a realidade, e por isso não poderia ser um veículo adequado para o conhecimento verdadeiro. Não sendo uma ciência, a arte passou para a esfera da emoção, da sensorialidade e do sentimento. A própria origem da palavra "estética" deriva de um termo grego que significa "sensação". Em trabalhos de Jean-Baptiste Dubos, Friedrich von Schlegel, Arthur Schopenhauer, Théophile Gautier e outros, nasceu o conceito de arte pela arte, onde ela tinha um fim em si mesma, despojando-a de toda a sua antiga funcionalidade e utilidade prática e associações com a moral. Ao mesmo tempo em que isso abriu um novo e rico campo filosófico, gerou dificuldades importantes: perdeu-se a capacidade de se entender a arte antiga em seu próprio contexto, onde ela era toda funcional - um testemunho desta tendência é a proliferação de museus no século XIX, instituições onde todos os tipos de arte são apresentados fora de seu contexto original -, e criaram-se conceitos inteiramente baseados na subjetividade, tornando cada vez mais difícil encontrar-se pontos objetivos em comum que pudessem ser aplicados a qualquer tipo de arte, tanto para defini-la quanto para valorá-la ou interpretar seu significado. O esteticismo foi um dos elementos teóricos básicos para a emergência do Romantismo, que rejeitou o utilitarismo da arte e deu um valor principal à criatividade, à intuição, à liberdade e à visão individuais do artista, erigindo-o ao status de demiurgo e profeta e fomentando, com isso, o culto do gênio. Por outro lado, o esteticismo ofereceu uma alternativa para a descrição de aspectos do mundo e da vida que não estão ao alcance da ciência e da razão.. Charles Baudelaire foi um dos primeiros a analisar a relação da arte com o progresso e a era industrial, prefigurando a noção de que não existe beleza absoluta, mas que ela é relativa e mutável de acordo com os tempos e com as predisposições de cada indivíduo. Baudelaire acreditava que a arte tinha um componente eterno e imutável - sua alma - e um componente circunstancial e transitório - seu corpo. Este dualismo nada mais do que expressava a dualidade inerente ao homem em seu anelo pelo ideal e seu enfrentamento da realidade concreta.

Kazimir Malevich: Quadrado negro sobre fundo branco, uma das obras paradigmáticas da escola abstrata.

Em que pese a grande influência do esteticismo, cujo corolário apareceria no início do século XX na forma do abstracionismo, uma apoteose do individualismo artístico, houve correntes que o combateram. Hippolyte Taine elaborou uma teoria de que a arte tem um fundamento sociológico, aplicando-lhe um determinismo baseado na raça, no

contexto social e na época. Reivindicou, para a estética, um caráter científico, com pressupostos racionais e empíricos. Jean Marie Guyau apresentou uma perspectiva evolucionista, afirmando que a arte está na vida e evolui com ela, e assim como a vida se organiza em sociedades, a arte deve ser um reflexo da sociedade que a produz. A estética sociológica teve associações com os movimentos políticos de esquerda, especialmente o socialismo utópico, defendendo, para a arte, o retorno a uma função social, contribuindo para o desenvolvimento das sociedades e da fraternidade humana, como se percebe nos trabalhos de Henri de Saint-Simon, Lev Tolstoi e Pierre Joseph Proudhon, entre outros. John Ruskin e William Morrisdenunciaram a banalização da arte causada pelo esteticismo e pela sociedade industrial, e defenderam a volta ao sistema corporativo e artesanal medieval.

Na mesma época, a arte começou a ser estudada sob o ponto de vista psicológico e semiótico através da contribuição de Sigmund Freud. Ele declarou que a arte poderia ser uma forma de representação de desejos e de sublimação de pulsões irracionais reprimidas. Disse que o artista era um narcisista, e que as obras de arte podiam ser analisadas da mesma forma que os sonhos, os símbolos e as doenças mentais. Continuou nessa linha seu discípulo Carl Jung, que introduziu o conceito de arquétipo na análise artística. Outra novidade foi introduzida por Wilhelm Dilthey, considerando arte e vida serem uma unidade. Prefigurando a arte contemporânea, reconheceu a importância da reação do público na definição do que é um objeto artístico, o que instaurava uma espécie de anarquia do gosto, inaugurando a estética cultural. Reconheceu, também, que a época assinalava uma mudança social e uma nova interpretação da realidade. Ao artista, caberia intensificar nossa visão de mundo em uma obra coerente e significativa.

Na primeira metade do século XX, conceitos inovadores foram introduzidos pela Escola de Frankfurt, destacando-se Walter Benjamin e Theodor Adorno, estudando os efeitos da industrialização, da tecnologia e da cultura de massa sobre a arte. Benjamin analisou a perda da aura do objeto artístico na sociedade contemporânea, e Adorno refletiu que a arte não é um reflexo mecânico da sociedade que a produz, pois a arte expressa o que não existe e indica a possibilidade de transformação e transcendência. Representante do pragmatismo, John Dewey definiu a arte como "a culminação da natureza", defendendo que a base da estética é a experiência sensorial. A atividade artística seria uma consequência da atividade natural do ser humano, cuja forma organizativa depende dos condicionamentos ambientais em que se desenvolve. Assim, arte seria o mesmo que "expressão", onde fins e meios se fundem em una experiência agradável. Já Ortega y Gasset apontou o caráter elitista e a desumanização da arte de vanguarda, devido ao seu hermetismo, ao repúdio da imitação da natureza e à perda da perspectiva histórica. Na escola semiótica, Luigi Pareyson elaborou uma

estética hermenêutica, onde arte é a interpretação da verdade. Para ele, a arte é "formativa", ou seja, expressa uma forma de fazer que, ao mesmo tempo, inventa sua própria linguagem e seus meios. Assim, a arte não seria o resultado de um projeto predeterminado, mas simplesmente encontraria o resultado no processo de fazer. Pareyson influenciou a chamada Escola de Turim, que desenvolveu o conceito ontológico de arte. Umberto Eco, seu maior expoente, afirmou que a obra de arte só existe em sua interpretação, na abertura de múltiplos significados que pode ter para o espectador.

Chegando-se aos meados do século XX, o assunto se tornou tão complexo, volátil e subjetivo que muitos estudiosos abandonaram de todo a ideia de que a definição do que é arte é de alguma forma possível. A título de exemplo, citem-se algumas opiniões: Morris Weitz declarou que "o próprio caráter aventuroso e expansivo da arte, suas constantes mutações e novidades, tornam ilógico que estabeleçamos qualquer conjunto de propriedades definidas". Robert Rosenblum disse que "hoje em dia a ideia de definirmos arte é tão remota que não acredito que alguém teria coragem de fazê-lo", e Wladyslaw Tatarkiewicz afirmou que "nosso século chegou à conclusão de que conseguirmos uma definição abrangente do que é arte é não apenas algo dificílimo, como impossível". Essas visões, porém, não impediram que outros críticos lançassem opiniões diferentes, crendo ser possível uma definição. Alguns delas contornaram o problema central da definição propriamente dita, e estabeleceram parâmetros externos para definir o fato artístico, recorrendo à consagração institucional, à autoridade, ou à resposta do público ou de pessoas consideradas peritas. Um exemplo é a definição de George Dickie: "um objeto artístico é em primeiro lugar um artefato, e em segundo, é um conjunto de aspectos que legitimou sua proposta de merecer atenção especial de alguma pessoa ou pessoas agindo em nome de alguma instituição social". Às vezes, se recorre à sua localização e ao contexto cultural, como na declaração de Thomas McEvilley, dizendo que "é arte o que está num museu... Parece bem claro que hoje em dia mais ou menos qualquer coisa pode ser chamada de arte. A questão é: ela foi chamada de arte pelo 'sistema de arte'? Em nosso século, isso é tudo o que é preciso para definir arte". Na mesma linha de ideias, Robert Hughes disse que algo é arte "se foi criado com o fim expresso de ser considerado como tal e foi colocado em um contexto em que é visto como tal". Segundo a definição da Encyclopædia Britannica, arte é aquilo que é criado deliberadamente pelo homem como uma expressão de habilidade ou da imaginação.

Ensino de arte

Arte-educação, ensino de arte ou educação artística é uma disciplina educativa que oportuniza, ao indivíduo, o acesso à arte como linguagem expressiva e forma de conhecimento.

Descrição

A educação em arte, assim como a educação geral e plena do indivíduo, acontece na sociedade de duas formas:

assistematicamente através dos meios de comunicação de massa e das manifestações não institucionalizadas da cultura, como as relacionadas ao folclore (entendido como manifestação viva e em mutação, não limitada apenas à preservação de tradições);

e sistematicamente na escola ou em outras instituições de ensino.

Educação artística

Refletir sobre o papel do professor de Educação Artística é fundamental quando se procura conhecer essa prática dentro das escolas. O comportamento do professor dessa disciplina atém-se a, pelo menos, duas questões determinantes. Uma refere-se à formação desse professor e outra refere-se ao conceito que esse professor tem de arte e a acepção que ele tem do homem.

A formação do professor de Educação Artística está vinculado a história da implantação desse saber a nível de formação universitária e das determinantes históricas e políticas que, junto com as significações imaginarias sociais, deram os contornos dessa prática. A partir de um estudo, Barbosa (1986) descobriu a ausência da dimensão sócio-histórica na prática do professor de Educação Artística. Essa descoberta é significativa quando se sabe que a História é importante instrumento de auto-identificação. Assim, é preciso que o professor de arte conheça a histórica de sua prática, para que ele se perceba inserido no processo sócio-histórico-cultural, que o permita construir a sua identidade funcional.

A história da Arte-Educação no Brasil acompanha a história da educação nacional, embora apresente características particulares. Nesse estudo ela será apresentada de forma resumida, pois o objetivo é situar a atuação do professor de arte nesse contexto.

Segundo Duarte Júnior (1981), desde o início da colonização do Brasil, a educação se caracterizou pela absorção dos valores culturais europeus, impostos pelos colonizadores portugueses. Esse fato impediu que fosse desenvolvido no país uma cultura própria da realidade da vida sociocultural dos que aqui viviam. Com a chegada de D. João VI, ampliou-se e modernizou-se a cultura nacional dando-se início ao ensino oficial das artes, influenciado pelo que se fazia, então, na França. Até a Proclamação da República, em 1889, o ensino das artes concentrou-se nas escolas oficiais, onde as atividades previam a produção de bens.

O processo de industrialização europeu que alcançou o país foi um marco na Arte-Educação no Brasil, que esteve sempre ligada aos movimentos sociopolítico-econômico da conjuntura nacional e internacional. O surto industrial do fim do século passado, com as conseqüentes mudanças no plano político e social que resultaram na substituição do Império pela República e na abolição da escravatura, motivou o trabalho como objetivo da educação do país(BARBOSA, s/d). O ensino da arte foi direcionado para a formação profissional, sendo que os "métodos da Walter Smith se tornaram a base para o ensino do desenho na escola primária e secundária no Brasil, por quase trinta anos ". (BARBOSA, s/d:13).

A proposta renovadora da Semana de Arte Moderna em 1922, que foi um marco na vida artística cultural brasileira, trouxe novas maneiras de se entender a expressão artística e foi o início da contestação do ensino de arte que não permitisse a "expressão autêntica, espontânea e desinteressada da criança "(BARBOSA, s/d:14, grifo da autora). O movimento da Escola Nova, advindo da crise político-social que previa a mudança da oligarquia para a democracia na década de 30, afirmava a importância da arte na educação para o desenvolvimento da imaginação, intuição e inteligência da criança e preconizava a livre expressão infantil. Esse movimento foi fortemente influenciado por Dewey, Claparéde e Decroly. Algumas experiências importantes sobre o desenvolvimento da criança através da arte foram feitas pelo professor Nereu Sampaio, na Escola Normal do Distrito Federal, então Rio de Janeiro. Segundo Barbosa(s/d: 14) "quando o movimento para incluir arte como livre expressão nas escolas primárias estava no auge, o Estado Novo iniciou a repressão no campo educacional, com a perseguição e demissão de professores associados ao movimento do escolanovismo. Depois da queda de Vargas foram renovados os esforços para a redemocratização e a educação viu nascer as campanhas pela recuperação dos princípios da Escola Nova. A onda de redemocratização nacional alcançou a Arte-Educação na iniciativa de Augusto Rodrigues, artista que criou a Escolinha de Arte do Brasil em 1948, na cidade do Rio de Janeiro. A iniciativa foi recebida com entusiasmo por educadores e artistas da época, como Anísio Teixeira e Helena Antipoff (BARBOSA, s/d).

Para Varela (1986:16):

"desde o início a Escolinha-corpo e alma do artista Augusto Rodrigues- atuou em processo criativo, intuição, fluência e flexibilidade na descoberta da melhor forma de motivar e trabalhar a criança, foram seus primeiros passos e continuam caracterizando toda a sua ação educativa. "

Outro princípio que caracterizou a Escolinha de Arte no Brasil do Rio de Janeiro, que influenciou as Escolinhas de Arte de outras cidades no Brasil, foi "a idéia de trabalhar fora do sistema educacional público tentando ao mesmo tempo influenciá-lo ". (BARBOSA, s/d: 15)

No Espírito Santo, uma experiência neste sentido foi desenvolvida na cidade de Cachoeiro do Itapemirim pela Professora Izabel da Rocha Braga. A professora fundou o Clube de Arte Recreativo de Cachoeiro do Itapemirim em 1950, que recebeu o nome de Escolinha de Arte de Cachoeiro, em 1952.

Com a supervisão e o incentivo constantes de Augusto Rodrigues e de Lúcia Alencastro, e com a ajuda financeira do Ministério da Educação, da Associação de Proteção à Maternidade e Infância e da Prefeitura de Cachoeiro do Itapemirim, a professora Isabel desenvolveu um trabalho que envolveu o aprendizado de várias linguagens plásticas por crianças que tinham a liberdade de criar.

A Escolinha de Arte da professora Izabel foi bem recebida pela comunidade e pela imprensa local e devolvia para a comunidade a produção que fazia anualmente, durante as comemorações do dia da cidade. A Escolinha funcionou até 1955, quando por motivos de falta de verba e dificuldade de ordem pessoal da professora Izabel, a experiência foi encerrada, embora não sem ter marcado a vida artístico-cultural da cidade de Cachoeiro do Itapemirim, a partir da iniciativa heróica e solitária de alguém que acreditava na expressão da criança por meio da linguagem plástica.

No Rio de Janeiro, a Escolinha de Arte do Brasil mantinha ateliê, onde crianças, adolescentes e adultos podiam desenhar e pintar livremente, e consistia, também, em centro para treinamento de professores de arte. A influência da Escolinha no ensino de artes na escola primária e secundária começou a se fazer presente através das classes experimentais criadas depois de 1958. Convênios foram estabelecidos para o treinamento de professores de Arte-Educação até 1973, quando foram criados os cursos universitários para formação de arte-educadores. (BARBOSA, s/d).

Em 1961, antes, portanto, da criação da Lei Federal 5692, de 1971, que tornava obrigatório o ensino de arte na escola fundamental, e da criação, em 1973, de cursos universitários para a formação dos professores de arte (Licenciatura em Educação Artística), a escolinha de Arte do Brasil (Rio de

Janeiro) organizou o primeiro Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE), constando da sua programação o I Seminário de Arte-Educação.

Varela (1986) era uma das pessoas que estava à frente da organização do curso e em seu depoimento ela diz que:

"é um curso provocador do que chamamos prontidão para mudanças, muitas vezes bem sensíveis-seja no próprio professor aluno, seja em escolas e outras instituições-alargando, estrategicamente, dimensões da personalidade e estendendo as fronteiras da experiência nas Escolinhas de Arte. (. . .) Não recebendo o Curso Intensivo apenas professores titulados e leigos, caracteriza-se, também, pela sua abertura para artistas, artesãos e estudantes de artes; psicólogos e professores de pedagogia juntamente com alunos do curso de psicologia e de faculdade de educação- motivando o impacto e a descoberta do outro, em sua originalidade e poder criativo, em seus condicionamentos e pobreza de expressão simbólica ". (VARELA, 1986: 17)

A importância desse curso, ministrado na Escolinha de Arte do Brasil está no fato da Educação Artística, o ensino da Arte Educação nas Escolas, estar intrinsecamente ligada ao que o professor aprendia. A história da Arte-Educação passa a ser contada a partir da perspectiva da formação do professor de arte.

Segundo Varela (1986) por muitos anos o Curso Intensivo de Arte na Educação foi o único destinado à formação de arte-educadores, de todos os graus de ensino. A sua equipe vinha sendo formada por professores titulados, artistas, artesãos, críticos de artes, jornalistas, poetas, cientistas e todos aqueles capazes de alargar a percepção do professor-aluno e provocar o uso da imaginação na organização de experiências construtivas. O curso era fundamentado em estudos de Arte, Educação, Psicologia e no enfoque dos princípios filosóficos básicos, objetivando uma melhor compreensão de como educar pela arte. Ela acredita que o que mais caracterizou o CIAE, enquanto ela esteve na sua coordenação (1986: 20):

"foi a centralização no vigor do ato de criação, mobilizando o impulso exploratório de seus alunos, levando cada participante a explorar potencialidades emotivas e expressivas das linguagens artísticas, fazendo-o pensar e repensar em arte e educação, no contexto cultural. "

Par Cruz (1983: 2), a Escolinha de Arte no Brasil foi realmente a "célula mater "da arte na educação brasileira. Ela acredita "que os educadores lá formados contribuíram para criar o clima propício para a obrigatoriedade do ensino da arte nas escolas fundamentais ". A autora mostra que, apesar de existirem muitos professores formados na Escolinha de Arte no Brasil, poucos puderam ser aproveitados no curso universitário para a formação de professores de arte. A obrigatoriedade de Educação Artística para vinte milhões de crianças e

jovens encontrou a realidade da falta de especialistas preparados par a tal tarefa, o que fez com que os professores de outras áreas de ensino passassem a ensinar arte, pois a Lei deveria ser cumprida (CRUZ, 1983). Dada a precariedade dos recursos humanos, cursos de treinamento organizados pelas Secretarias de Educação, em convênio com universidades, órgãos públicos, Escolinhas de Arte no Brasil, Serviço Nacional de Teatro proliferaram, com o objetivo de cumprir com a determinação legal.

Na maioria das universidades e faculdades isoladas predominam professores-artistas, (com graduação em Artes), que se opõem à filosofia da Arte-Educação por a desconhecerem, criando obstáculos ao seu desenvolvimento, mantendo a mentalidade da arte para a burguesia e , naturalmente, opondo-se à democratização das artísticas, sob o pretexto da excelência não poder estar ao alcance de todos. "(. . .) Os professores, atordoados com a incursão de novas idéias no seu meio de ensino, refazem-se e passam a reagir (CRUZ, 1983: 3). Provocando uma regressão ao academicismo que marca o ensino de arte desde o século passado. "(CRUZ, 1983: 13).

Na sua crítica a autora enfatiza a perda das conquistas que a Arte-Educação introduziu no meio educacional, através do currículo de Educação Artística, e denuncia que são poucos os Arte-Educadores que participam de cursos de Licenciatura em Educação Artística nas escolas onde persevera a mentalidade de treinamento, cópia, adestramento.

A importância da formação do professor de Educação Artística está também no fato de que é na sua relação com os alunos que se evidenciará o conceito que ele tem de arte. Dependendo do modo como o professor estabelece essa relação, a auto-expressão do aluno, a sua capacidade criadora, manifestada na sua inventividade e na sua capacidade de refletir o mundo no seu fazer plástico, emergirá ou não. O fazer plástico, toma aqui, a acepção proposta por Castoriadis (1986:90), onde "o mundo histórico é o mundo do fazer humano ".

Acredita-se, então, que o fazer plástico é o fazer que relaciona os elementos sensíveis; cores, linhas, volumes, sombras e que expressa a subjetividade daquele que produz tal fazer, visando a sua autonomia. Este fazer é produzido dentro do processo histórico individual, pela construção do sujeito que se quer sujeito; social, pela construção da cultura; e material, pela construção de um objeto que passa a existir no ambiente físico.

A prática do professor de arte dentro da aula de Educação Artística anunciará a sua concepção filosófica de homem e de sociedade. A metodologia de ensino por ele utilizada "falará "dessa concepção.

O fato do ser humano sujeitar-se ao discurso do Outro faz dele um sujeito das determinações sociais da cultura que dita as normas para a sua conduta. Sujeito é aquele que é determinado pelas significações imaginárias da

sociedade em que vive. (CASTORIADIS, 1982). No processo cultural de hominização, esse sujeito poderá vir a ser um sujeito-autônomo ou um sujeito-heterônimo.

Os sujeitos-autônomos são aqueles que, apesar das determinações sociais conseguem apoderar-se do seu discurso e tornarem-se autônomos. Os sujeitos-heterônomos são aqueles que repetem o discurso do Outro, isto é, o discurso do social, como se fosse o seu e mantêm-se na heteronomia. O sujeito-autônomo reproduz o já feito e dito, fazendo prevalecer o já instituído, sem questionamentos. (CASTORIADIS, 1982)

Ciampa (1987: 73) na tentativa de responder a pergunta : "o que é para o ser humano ser o que é ", refere-se a presente questão como segue:

"não se trata, evidentemente, de conceitos abstratos e definitivos que considerem o homem como pura consciência, só como subjetividade (este o risco idealista); nem também de reduzi-lo à simples condição de coisa, só como objetividade (esta armadilha materialista-mecanicista). Trata-se de considerar a superação dialética desse dualismo pela práxis:(. . .) de se engajar em projetos de coexistência humana que possibilitem um sentido da história como realização de um porvir a ser feito como os outros. Projetos (. . .) que possam tender, convergir ou concorrer para a transformação real de nossas condições de existência, de modo que o verdadeiro sujeito humano venha à existência ".

Resta ao professor a opção de contribuir na formação de sujeitos-autônomos ou sujeitos-heterônomos. Essa opção é, indiscutivelmente, uma opção política, que está inserido num projeto político de transformação da realidade social vigente, através da criação de uma "identidade do Homem da nossa sociedade ". Ciampa (1984: 74) como ser-sujeito da sua construção.

Na sala de aula de Educação Artística qualquer linguagem expressiva pode subsidiar o sujeito que se quer sujeito do seu discurso ou o sujeito que se quer perpetuar alienado :

Valente (1989 :20), assim coloca essa questão:

"Toda a atividade plástica pode ser realizada no nível da possibilidade ou da impossibilidade. A dramatização, a pintura, a música e a dança, o recorte e a colagem, a modelagem podem ser possibilidades ou não. A apropriação mecanicistas, utilitarista, dessas atividades programadas, limitadoras, marcam a impossibilidade. A arte acontece no processo transformador, mutador, atendendo à dimensão do desejo, do lúdico, do espontâneo, do possível ".

A opção entre formar sujeitos-autônomos ou sujeitos-heterônomos é tarefa a qual professor de qualquer disciplina não pode se furtar. Não existe neutralidade na prática pedagógica e o professor há que se responsabilizar

pelo resultado da sua atuação, dentro do processo ensino-aprendizado que ele se propõe praticar.

A formação de sujeitos-autônomos é facilitada quando existe um comprometimento, uma "lealdade ", como diria Ostrower (1990: 223),do professor com sua prática, que deveria constituir-se na sua práxis cotidiana. No caso do professor de arte, esse comprometimento se constituiria no valor filosófico que ele dá à arte e ao ensino.

"Pois o que conta mais na sala de aula, além das informações que o professor possa transmitir, é a própria postura diante do seu fazer. Se para ele as obras de arte não representam valores de vida, estendendo-se esta avaliação à sensibilidade das matérias e das linguagens, o professor pouco terá a dar aos alunos fora receitas técnicas ou nomes ou datas- nada que toque ao essencial da experiência artística. Se, porém para o professor, a arte representar algo de fundamental na sua vida, uma necessidade de sentir e de ser, ele haverá de transmitir sua convicção de uma maneira ou outra. (. . .) É com o que de mais valioso ele poderá contribuir: em vez de mera informação, a formação do ser sensível ". (OSTOWER, 1990: 223)

É na formação do ser sensível, através do ensino das linguagens expressivas "oferecendo (aos) alunos a possibilidade de descobrirem seu próprio potencial "(OSTROWER, 1990: 223),que o professor de arte estará colaborando para formar o sujeito que se apropriará do seu discurso e construirá a sua autonomia.

Para o sujeito construir sua autonomia é necessária que, concomitante à formação do ser sensível, seja formado, também, o ser crítico. Para isso acontecer, o professor de arte terá que fazer, além de uma opção filosófica,quanto ao valor da arte na sua vida, uma opção filosófica, quanto ao tipo de racionalidade que permeia a sua prática.

Citando a perspectiva filosófica dos autores da Escola de Frankfurt que vêm "a importância da consciência histórica como uma dimensão fundamental do pensamento crítico (pois) cria um valioso terreno epistemológico sobre o social e o pessoal, bem como entre a história e a experiência pessoal ", Giroux (1986: 55) nos diz que :

"através dessa forma de análise, o pensamento dialético substitui as formas positivistas de investigação social. Isto é, a lógica da previsibilidade, verificabilidade, generalizabilidade e operacionalismo é substituída por um modo dialético, que enfatiza as dimensões históricas, relacionais e normativas da investigação social e do conhecimento ". (GIROUX, 1986: 55)

Ao desenvolver uma teoria sobre a cultura, três autores da Escola de Frankfurt, Horkhenheimer, Adorno e Marcuse tentam expor como a racionalidade

positivista interfere na arte enquanto produto da cultura. Para eles a arte, que até o advento do capitalismo tinha como função a denúncia das relações de homem com o mundo, pela resistência e oposição, passou a anunciá-la, tão somente, de uma forma acrítica e conformista. Prevalece aqui "no verdadeiro espírito da harmonia positivista, a arte se torna simples espelho da realidade existente, bem como uma afirmação dessa realidade "(GIROUX 1986: 42) e nega que "a verdade da arte está em seu poder de romper o monopólio da realidade estabelecida (isto é, daqueles que o estabeleceram) para definir o que é real. Nessa ruptura. . . ,o mundo fictício da arte aparece como a verdadeira realidade "(MARCUSE, 1978: apud GIROUX, 1986: 42).

O impacto dessa forma de produzir arte na cultura é que "a imagem é o conformismo, e o meio para a sua obtenção é a diversão, que orgulhosamente se apresenta revestida da fuga do pensamento crítico ". (GIROUX, 1986: 43) A cultura perde seu espaço de contestação e crítica na rede das significações imaginárias sociais e arte perde seu lugar de possibilidade de construção pessoal, coletiva e material.

O conhecimento exaustivo de novas teorias pedagógicas e dos novos pressupostos da arte enquanto linguagem é uma tarefa que compete ao professor de arte, que deve se manter como elemento de resistência dentro do sistema escolar. Ele necessita reciclagens sistemáticas e constantes em Arte-Educação, Linguagens Expressivas, Filosofia de Arte, Políticas Educacionais, Antropologia Social, Psicologia do Desenvolvimento,entre outras, para atualização da sua práxis. Além disto, o professor deve reivindicar um espaço físico e temporal condizente com a importância da sua prática, traduzido, concretamente, por uma sala própria para atividade artística dos alunos e uma carga horária que retire a Educação Artística da posição de atividade descartável que ela ocupa no currículo escolar da maioria das escolas.

A resistência toma o sentido proposto por Giroux (1986: 147):

"no sentido mais geral, acho que a resistência tem que ser situada em uma perspectiva ou racionalidade que leva em conta a noção de emancipação como seu interesse norteador. Isto é, a natureza e significado de um ato de resistência tem que ser definido juntamente com o grau em que contém as possibilidades de desenvolver o que Marcuse chamou de 'um comprometimento com uma emancipação da sensibilidade, da imaginação e da razão, em todas as esferas da subjetividade. ' (MARCUSE, 1977,in Giroux, 1986). Assim, seria central à análise de qualquer ato de resistência uma preocupação como descobrir o grau em que ela fala de uma forma de recusa que enfatiza, seja implícita, seja explicitamente, a necessidade de se lutar contra o nexus social de dominação e submissão. Em outras palavras, a resistência deve ter uma função reveladora, que contenha uma crítica da

dominação e que forneça oportunidades teóricas para a auto-relexão e para a luta no interesse da auto-emancipação e da emancipação social. "

Apesar de ser obrigatória, a educação artística nas escolas de ensino fundamental e médio ainda é negligenciada pelo sistema escolar.

"A Lei 11.769/2008 prevê que tínhamos três anos para colocar o ensino obrigatório da música nas escolas.

Ensino de Artes e a História da arte na educação: Reflexões e contexto histórico.

Para falar do ensino da história da arte é preciso primeiramente compreender a própria história do ensino de arte no Brasil. Por tanto será investigado nesse breve contexto histórico a inserção do ensino da arte na história da educação e o momento em que houve a preocupação de se ensinar os conteúdos da história da arte.

O ensino de arte no Brasil passou por diversas mudanças em toda sua história até os dias atuais, e continuará mudando com o tempo. Essas mudanças ocorreram devido às situações e necessidades vividas em cada época, em todos os anos de história do nosso país, a educação foi se renovando, e com isso o ensino de arte também. Segundo Ferraz e Fusari (2009) “[...] assim como outras áreas do conhecimento, surgem de mobilizações políticas, sociais, pedagógicas, filosóficas, e, no caso da arte, também de teorias e proposições artísticas e estéticas”.

Contudo, a educação jesuítica tinha por forma o conhecido RatioStudiorum, denominado como um guia educativo, que é referente ao curso secundário. Segundo Barbosa (2009) o “RatioStudiorum estabelecia-se mediante um conjunto de normas e saberes – de cunho literário – a serem ensinados e condutas a serem inculcadas em práticas educativas prosélitas e catequéticas em relação ao catolicismo”. Para frequentar o curso o aluno já deveria ser letrado, e ter uma posição social de classe elevada e tradição familiar. Os que não possuíam tal tradição somente eram aceitos se fosse para exercer o trabalho sacerdotal.

Dentre essas normas, o estudo que mais se propagou no Brasil foi o curso de letras humanas, tal curso é ramificado em três classes, nomeado como Trivium, e segundo Barbosa (2002) era composto pela gramática, retórica e dialética, consideradas como artes liberais voltadas na maioria das vezes para os filhos da classe dominante, a elite. Havia ainda o Quadrivium, que consiste no currículo das artes literárias, gramática, retórica e dialética.

Em relação ao ensino da arte, os jesuítas designavam maior importância às “artes literárias”, e a utilização da música, canto coral, teatro e o ensino do latim, dando mais importância a elas do que às artes e ofícios devido à ligação com a catequização.

As atividades manuais eram excluídas na educação dos homens livres, eram voltadas principalmente na educação nas missões indígenas ou ao treinamento dos escravos, com função designada para o consumo e para a religião. A educação jesuítica tinha a intenção de formar o aluno conforme sua condição social, e principalmente para as necessidades e interesses da igreja, não existindo uma organização de ensino como nos dias atuais.

As Artes e Ofícios, também foram uma filosofia de ensino dos jesuítas, segundo Barbosa (2009) “classificava, em geral, os saberes em artes liberais, filosofia e teologia. As artes liberais consistiam no ensino da pintura, escultura, arquitetura e engenharia”. E eram especificadamente destinadas aos homens livres, sendo assim diferenciando dos exercícios praticados pelos artesãos.

A educação não mais pertencia à Igreja, agora era de total responsabilidade do estado, considerado o primeiro sistema público de educação no país. Essa mudança no ensino tinha como intenção focar a educação nos conteúdos que os Jesuítas omitiam em seus métodos de ensino, conteúdos esses compostos pelas Ciências, Artes Manuais e a Técnica.

Poucas escolas tinham um local apropriado para ministrar as aulas, no geral eram dadas na casa do professor. Na prática, a aula régia não diferenciou tanto da educação jesuítica relacionada ao educando, apesar do sistema da aula régia ser considerado público, não abrangeu toda a sociedade, ficando mais reservada à elite. O espaço que deveria ser público, destinado à população, acabou possuindo uma visão privada, pois o espaço da casa do professor não abrangia toda a sociedade, acabando por ser destinado a poucos, principalmente os mais abastados. Fugiu totalmente do que o Alvará de 28 de Junho de 1759 visava como, por exemplo, “a obrigação de o Estado garantir a educação gratuita à população”, mas na prática o decreto não teve tanto sucesso.

No entanto, mesmo que lentamente, essas mudanças colaboraram para os primeiros passos do ensino de arte na educação, pois nesse começo o ensino de arte foi focado apenas no ensino do desenho, incluindo o desenho no currículo e criando uma aula régia de desenho e figura.

Neste período existiu o ensino informal de arte, voltado para necessidade de mão de obra de assistentes para auxiliar os artistas que vieram para o Brasil

principalmente no período da colonização. Com isso foram surgindo escolas conhecidas como “corporação de artistas ou oficinas de artífices e artesãos”, com o ensino desenvolvido especialmente para a produção artística, já que neste período era escassa a existência de artistas ou conhecedores das técnicas importadas dos mesmos.

O segundo momento da reforma educacional no Brasil foi destinado à implantação da Universidade, e segundo Cardoso (2003, p. 200):

O segundo momento da reforma dos estudos, termo utilizado oficialmente, ocorreu através da lei de 06 de novembro de 1772, destinada à reforma da universidade e também com o intuito de sanar vários problemas ocorridos na implementação da etapa anterior.

O ensino de arte em academias tem início com a Missão Artística Francesa em 1816, vinda com o importado modelo Neoclássico, conduzindo um importante salto em relação ao ensino de arte no Brasil, pois anos depois foi fundada a Academia Imperial de Belas Artes.

Passados dez anos e com outro nome, a então esperada Academia Imperial de Belas Artes se materializou, um tanto tarde. Nesse tempo de espera os artistas trabalharam por conta própria aceitando encomendas e alguns montaram um local para ministrar aulas de arte, sendo que muitas coisas ocorreram nesse meio tempo como o falecimento de Lebreton. Apesar de todos os problemas ocorridos, a missão francesa de fato marcou o ensino da arte no Brasil e seu desenvolvimento, inseriu o estilo Neoclássico na academia e em obras dos artistas produzidas aqui, mas com o tempo o estilo artístico no Brasil foi tomando novos rumos e se renovando.

Apesar de o Desenho ter sido matéria obrigatória na academia por um bom tempo, a Academia Imperial de Belas Artes foi a primeira instituição de ensino em que a história da arte foi ministrada como conteúdo. Apesar de ser uma academia e o ensino ser designado apenas para formação de artistas, foi nela que primeiramente houve a preocupação do ensino de história da arte, acontecendo a partir de 1890.

Segundo Mosaner e Stori (2007, p.147) “É interessante salientar que só depois de bem estabelecido o curso superior de artes, através da Academia, é que há a preocupação de implantá-lo no ensino primário e secundário”. Primeiramente, deu-se maior importância para a implantação do ensino superior de artes, só após a academia houve uma preocupação em inserir o Desenho no ensino primário e secundário, sendo assim a academia influenciou

com sua metodologia o ensino de desenho na educação básica, porém o ensino da história da arte não é mencionado como conteúdo.

Para Rui Barbosa “a educação artística seria uma das bases sólidas para a educação popular”, pretendia inserir na educação do Brasil o modelo americano de ensino de arte, com isso o desenho seria obrigatório no ensino secundário, sendo influenciado também pelo teórico Walter Smith, o qual Rui Barbosa toma como referência para produzir o Parecer sobre o Ensino Secundário em 13 de abril de 1882. Este parecer foi usado na escola até a metade do século XX aproximadamente, e as ideias de Walter Smith ficaram marcadas na educação por quase 30 anos.

Rui Barbosa via o Desenho como um instrumento para alcançar o esperado desenvolvimento industrial, pois havia como exemplo o ensino do desenho geométrico da América do Norte, o qual obteve sucesso relacionado aos produtos industriais, assim há um interesse em educar o povo para a indústria.

No início do século XX houve uma grande preocupação com a obrigatoriedade do ensino de artes no ensino primário e secundário. Neste mesmo século o desenho ainda era a forma de inserção do ensino de artes nas escolas e vinha de uma tradição voltada para o aprendizado do desenho para o trabalho industrial. Mas com o tempo essa visão foi tomando outro sentido, segundo Barbosa (2002, pag. 34) “[...] orientaram no sentido de considerá-lo mais uma forma de escrita que uma arte plástica”. Barbosa (2002, p. 36) ainda afirma:

Esta identificação do Desenho com a escrita ultrapassou as barreiras do modernismo, foi argumento não só para tentar vencer o preconceito contra a Arte como também argumento para demonstrar que a capacidade para desenhar era natural aos homens ou, pelo menos, acessível a todos e não um dom ou vocação excepcional.

Mesmo que o ensino de arte ainda esteja focado no Desenho, começam a surgir novas abordagens referentes ao ensino de arte na escola, voltadas às novas instâncias e objetivos com o intuito de construir uma mudança de olhar sobre o ensino da arte na educação brasileira.

Na Pedagogia Tecnicista o professor tende a ser responsável por seu planejamento, que deve se mostrar competente e incluir os elementos curriculares essenciais: objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação. A dinâmica do ensino e da aprendizagem não é questionada, pois o elemento

principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso. Os processos de ensino eram voltados ao mecanicismo e a base técnica era muito utilizada. Segundo Pessi (1994, p. 27) a Pedagogia Tecnicista tinha como propostas metodológicas “a copia, desenho geométrico, educação através da arte e livre expressão”.

Contudo, houve uma escassez de bases teóricas, os professores abraçavam os materiais didáticos como única ferramenta de orientação para o ensino, com isso houve uma fragilidade metodológica consistindo num ensino equivocado de arte.

Novas abordagens surgem no contexto educacional, com o intuito de renovar a educação em arte em relação às práticas sociais, dentre elas a Pedagogia Libertadora,Pedagogia Libertária e Pedagogia Histórica Crítica.

Nos anos 80 começam a surgir associações de professores e pesquisadores do ensino de arte, ajudando a formar novos conceitos em relação ao ensino e aprendizagem de arte na educação. Nessa perspectiva de ação em Congressos Nacionais e Internacionais, há a busca de um ensino valorizado e obrigatório, com isso conseguiram incluir a arte nos currículos das escolas e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.

A partir de1990 surgem leis que fomentam uma melhoria para o ensino de arte, nas quais começaram exigir novos seguimentos para o ensino. Uma delas é a Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394 (Brasil, 1996) e novas abordagens pedagógicas, como a Proposta Triangular, surgem voltados para uma educação em arte mais renovada, e dentro dela a história da arte possui um espaço importante.

[...] leitura envolve análise crítica da materialidade da obra e princípios estéticos ou semiológicos, ou gestálticos ou iconográficos. A metodologia de análise é de escolha do professor, o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler imagem e avalia-la; esta leitura é enriquecida pela informação histórica e ambas partem ou desembocam no fazer artístico. (2001, p. 37)

No que se refere à história da arte, Ana Mae aponta que o conteúdo auxilia o aluno a compreender “algo do lugar e tempo nos quais as obras de arte são situadas” e ainda aponta, “nenhuma forma de arte existe do vácuo, parte do significado de qualquer obra depende do entendimento do seu contexto”. Sendo assim o estudo da história da arte, aproxima o aluno da compreensão do contexto na qual cada obra ou período estudado se situa, para tanto, a

estética ajuda esclarecer e compreender melhor o que é visto dentro dos conteúdos da história da arte.

A história da arte na metodologia Triangular não é abordada de uma forma totalmente linear, e sim é pensada para contextualizar o artista e sua arte no meio sociocultural. Ana Mae aponta a importância de conhecer os princípios de cada estilo e movimento artístico, e as relações sejam no meio social, político e cultural. Mas afirma, “cada geração tem direito de olhar e interpretar a história de uma maneira própria, dando um significado à história que não tem significação em si mesma” (2001, p.38). Ou seja, cada pessoa possui a liberdade de interpretar as relações da história da arte a sua maneira, partindo também de seu meio social e cultural. Mas é importante compreender que:

Na história da arte o objeto do passado está aqui hoje. Podemos ter experiência direta com a fonte de informação, o objeto. Portanto, é de fundamental importância entender o objeto. A cognição em arte emerge do envolvimento existencial e total do aluno.

Para entender o objeto, necessita do estudo de seus conceitos, e logo a sua apreciação. Ana Mae aponta que a história da arte não pode estar apartada da “apreciação da obra”, ou seja, elas precisam ser trabalhadas em conjunto, pois elas se complementam.

Em relação ao currículo, cita a importância de introduzir nele os princípios da proposta Triangular, o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte, pois para Barbosa:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise de arte estariam se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição especifica para a cultura. (2001, p.35)

Observamos que seria ideal que o currículo estivesse ligado amplamente com estes princípios da proposta triangular mostrando interesse no valor do ensino de arte, pois assim o conteúdo e a disciplina de arte reafirmariam sua importância na educação escolar.

Porquanto, esse estudo proporcionou a compreensão dos principais aspectos do contexto histórico do ensino de arte e fundamentos do ensino da história da

arte focando na Proposta Triangular, pois é uma abordagem muito utilizada hoje nos documentos referenciais para o ensino de arte e no que diz respeito ao ensino da história da arte, pois traz reflexões importantes.

A partir disso, foi possível entender e analisar o processo de mudança no contexto educacional em todas suas instâncias no que se refere ao conteúdo de arte, sendo importante para chegar ao ensino de arte na contemporaneidade.

Todos nós amávamos a aula de educação artística. Alguns pelo fato de ser uma espécie de folga de todas aquelas matérias chatas, porém, outros por ser uma aula que realmente inspirava e permitia que a criatividade entrasse em cena. Nosso artigo de hoje explica que Educação Artística e o estudo de diferentes vertentes das artes, desde o primário, é assunto sério e essencial para a formação integral de um ser humano.

A arte não se trata só de expressão cultural, de quadros na parede, de esculturas de barro ou de algo que você customiza e “faz você

mesmo”. A prática artística auxilia no processo cognitivo do cérebro, além da capacidade de interpretação, criação, percepção e de inteligência, fatores que são aplicados em qualquer área da vida, em qualquer momento dela.

Mudanças nos Parâmetros Curriculares Nacionais

Desde Maio de 2016, o Ministério da Educação determinou que a Educação Artística básica incluísse obrigatoriamente além da música, as artes visuais, aulas de dança e teatro. Hoje, todas fazem parte do currículo do ensino básico do brasileiro inclusive na rede pública. A lei foi aprovada pois o governo levou em consideração o enorme embasamento estatístico e científico sobre a contribuição que a arte traz ao processo de aprendizagem e na vida das pessoas.

As escolas têm até 2021 para incorporar na grade todas as vertentes obrigatórias das artes às grades da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Porém, ainda há discussão no Ministério sobre as matérias essenciais e as eletivas, sendo que parte dele tem opinião contrária à sugestão da Base Nacional Curricular Comum, que coloca a Educação Artística como subcomponente do Ensino.

Benefícios das Artes na Escola

São extensivos os benefícios do aprendizado artístico desde a Educação Infantil. Além da inteligência, a arte envolve também emoções e a expressão. Trabalhando também o lado afetivo e emocional do indivíduo, que são fatores imprescindíveis na formação de caráter de uma pessoa, ela também possui benefícios para o raciocínio lógico e cognitivo.

Alguns benefícios da educação artística na escola:

Melhora a capacidade de expressão, complementando a linguagem verbal;

Permite que a criança e adolescente processem melhor seus sentimentos e emoções;

Estimula a inteligência racional e emocional;

Estimula o processo de tomada de decisão, já que diferentes materiais podem ser usados e é necessário escolher.

Melhora a capacidade de trabalhar em grupo, uma vez que muitos projetos são feitos com colaboração coletiva;

Potencializa a criatividade e organiza as ideias;

Auxilia no processo de alfabetização, uma vez que trabalha com simbologia;

Com as 4 vertentes, praticamente todas as área do cérebro são estimuladas;

Estimula a liberdade de expressão;

Auxilia na construção da subjetividade;

Tem impacto na vida escolar e pessoal do aluno;

Ensinar Arte é muito mais do que simplesmente desenhar ou pintar, afinal Música, Teatro e Dança também são Arte e, portanto, devem ser ensinadas, não só as escolas públicas, mas, também as particulares têm procurado inserir

essas linguagens, pois elas contribuem para o desenvolvimento intelectual do educando e fazem com que eles tenham uma concentração maior, além de aprenderem a trabalhar em equipe. Além disso, faz com que os alunos reflitam sobre situações do dia-a-dia podem expor o que pensam através da Arte.

A Arte é algo fantástico, a minha primeira formação acadêmica é em Música e trabalhando não só com ela, mas com as demais linguagens artísticas, vejo o quanto ela contribui para o desenvolvimento dos alunos, mas, infelizmente, muitos não sabem o que deve ter numa aula de Arte e acabam tendo uma visão equivocada sobre o assunto.

Por que se ensinar Arte? Muitas pessoas acham que aula de Arte é desenhar e pintar, porém é importante saber que Arte não é apenas desenhar e pintar ou simplesmente pensar que é uma aula de desenho, pintura ou geometria, há muitos outros fatores que fazem com que esta disciplina, vista como desnecessária por muitos, seja muito importante.

A Arte faz com que o ser humano possa conhecer um pouco da sua história, dos processos criativos de cada uma das linguagens artísticas, o surgimento de novas formas de realizá-la, sempre se aprimorando no decorrer dos anos.

A Arte além de integrar pessoas, faz com que elas tenham uma outra forma de se expressar, podendo através dela demonstrar aquilo que sente ou pensa, além de fazer com que a pessoa tenha uma análise crítica daquilo que vê, ouve, assiste ou faz, tendo uma base para poder construir uma idéia ou projeto.

Através da Arte é possível realizar muitas coisas, pois com ela, as pessoas podem demonstrar aquilo que sentem através de uma tela, de uma poesia, de uma música, de uma representação, de uma dança, de uma escultura, etc, podendo compartilhar suas idéias com as demais pessoas.

Atualmente, o ensino de Arte é diversificado, não sendo voltado apenas para Desenho Geométrico ou Artes Plásticas, mas, também, é voltado para outras linguagens artísticas como a dança, a música e o teatro, que muito enriquecem a formação dos educandos, por exemplo, a música faz com que o aluno tenha mais concentração e coordenação motora, a dança contribui para a coordenação motora e o teatro, para um trabalho em equipe e para que eles possam se relacionar melhor com os colegas de classe, professores e familiares, fazendo com que o rendimento escolar dos mesmos possa melhorar, além de melhorar o convívio social e mudar a vida de muitos deles.

Espero que com esta leitura, as mentes possam se abrir para que todos possam realmente saber a importância da Arte e um pouco do que é ensinado em cada uma das linguagens artísticas, bem como uma breve descrição de alguns momentos históricos de cada uma das linguagens.

O Ensino de Arte no Brasil

Antes de falarmos sobre como é o ensino de Arte nas diferentes artísticas, é importante sabermos um pouco, do panorama histórico dele, aqui no Brasil.

Em 1816, D. João VI trouxe a Missão Francesa com o intuito de formar uma Escola de Arte, que teve os seus trabalhos iniciados dez anos mais tarde, mas devido ao custo elevado, eram poucos que tinham a oportunidade de estudar Arte.

A partir da década de 1870, período de grandes transformações culturais, não só no Brasil, mas, também, nos EUA, o ensino de Arte foi voltado para a formação de desenhistas.

Entre 1890 e 1920 predominavam, aqui no Brasil, a cópia de quadros e o desenho geométrico. A partir de 1920, a Arte passa a ser incluída no currículo escolar como atividade integrativa, apoiando o aprendizado de outras disciplinas, porém, os exercícios de cópia são mantidos.

Em 1922, com a Semana de Arte Moderna, a Arte-Educação no Brasil teve um grande impulso, com as idéias de livre expressão, trazido por Mário de Andrade e Anita Malfatti que acreditavam que a Arte tinha como finalidade principal permitir que a criança expressasse seus sentimentos e também tinham a idéia de que ela não é ensinada, mas, expressada.

Em 1948, o artista plástico Augusto Rodrigues, após saber que uma mostra de arte infantil foi excluída por ter interferência adulta e alguns clichês, resolveu criar a Escolinha de Arte, onde era valorizada a capacidade criadora.

A partir dos anos 50, além de Desenho, passaram a fazer parte do currículo escolar as matérias: Música, Canto Orfeônico e Trabalhos Manuais, que mantinham de alguma forma o caráter e a metodologia do ensino artístico anterior. O ensino e a aprendizagem estavam concentrados na transmissão de conteúdos a serem reproduzidos, não se preocupando com a realidade social e nem com as diferenças individuais dos alunos, ou seja, a chamada Pedagogia Tradicional.

O Brasil ainda passou nas décadas de 50, 60 e início da década de 70, pela fase da Pedagogia Nova, que tinha como ênfase a livre expressão e a espontaneidade e pela Pedagogia Tecnicista,onde o aluno e o professor tinham

um papel secundário, tendo como elemento principal, o sistema técnico de organização. Neste período, nas aulas de Arte, os professores enfatizavam um saber construir reduzido dos aspectos técnicos e do uso diversificado de materiais, caracterizando pouco compromisso com o conhecimento da linguagem artística.

A Arte foi incluída no currículo escolar, desde 1971, com o nome de Educação Artística, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ainda como "atividade educativa" e não como disciplina, sofrendo em 1988, a ameaça de ser excluída do currículo, a partir das discussões sobre a Nova Lei de Diretrizes e Bases: "(...) convictos da importância de acesso escolar dos alunos de ensino básico também à área de Arte, houve manifestações e protestos de inúmeros educadores contrários a uma das versões da referida lei, que retirava a obrigatoriedade da área". Por não ser uma considerada uma disciplina, a Educação Artística não tinha o "poder" de reprovar nenhum aluno e fazia com que os mesmos não tivessem interesse pela mesma, fazendo com que ela fosse vista como aulinha de desenho e o professor visto como organizador de festas e eventos na escola.

A partir dos anos 80, passam-se a discutir novas técnicas educacionais, aonde segundo BARBOSA (1994), o ensino da Arte deve seguir o que ela chama de Metodologia Triangular que é composta pela História da Arte, pela leitura da obra de arte e pelo fazer artístico, ou seja, a pessoa que aprende Arte deve saber, não apenas fazer algo, mas, também saber de onde veio aquilo que ela está fazendo, o que levou aquelas pessoas a fazerem aquela obra, para assim, fazerem à leitura da obra, podendo perceber a mensagem o que o artista quis passar através da sua obra. Além disso, ao criarem suas obras artísticas, poderão criar algo que transmita uma mensagem, dando sentido à Arte. Isso não significa que a técnica deva ser deixada de lado, é importante que o aprendiz venha a conhecê-las para aprimorar cada dia mais o seu trabalho, mas, a técnica sozinha, não dá sentido à obra.

A arte pode ser uma importante ferramenta de aprendizado, sabia? Apesar dela fazer parte de nosso cotidiano mesmo sem percebermos, essa prática pode ser introduzida de forma consciente desde muito cedo nas creches e escolas. Suas várias modalidades podem auxiliar professores a ensinar com mais ludicidade e abrir a cabeça de crianças e adolescentes para um novo universo. Para tanto, é necessário que profissionais de ensino, bem como psicólogos, assistentes sociais e demais interessados saibam conceitos e técnicas de como aplicar a arte na educação com eficiência.

Teatro na Escola

O teatro pode ser considerado por professores e pesquisadores uma forma de fazer com que a criança se socialize, torne-se desinibida, decore falas, cante entre outras coisas que possam trazer benefícios para a alfabetização da criança.

Muito se sabe a respeito da importância do Teatro na Educação em todos os campos de atuação. Os princípios pedagógicos do Teatro traçam relações claras entre Teatro e educação, considerando essa arte como uma forma humana de expressão, a semiótica e a cultura (p 40) .

Dentro da escola o teatro pode ser usado para desenvolver as potencialidades das crianças e as preparando para a vida participando de praticas educativas da qual ele faz parte.

A pedagogia atual oferece vários recursos que podem ser utilizados para a alfabetização os quais não são utilizados entre eles podemos citar o teatro, que pode ser compreendido na visão do brinquedo e da criatividade, carrega em si significados abrangentes.

Sabemos que as crianças estão em constante desenvolvimento e que o teatro serve para eles como uma forma de aprimorar a criatividade, sua habilidades e é por isso que existe vários estudos e teorias que apóiam o uso do teatro na escola.

Pode-se dizer que a criança não se desenvolve plenamente sem fazer a arte do teatro, de uma ou de outra forma a criança representa com o teatro muitas de suas aventuras e assim desenvolve seus conhecimentos e suas habilidades. Por isso “a arte tem sido proposta como instrumento fundamental de educação, ocupando historicamente papéis diversos, desde Platão” (PCN, 1993, p. 83).

A arte está presente em toda atividade desde uma visita ao museu, escutar concertos musicais e nas atividades artísticas com dança, teatro e pinturas. Tudo isso irá formas o que podemos chamar de experiências artísticas.

O teatro dentro deste contexto tem a função de integrar, socializar idéias e acima de tudo desenvolver sua aprendizagem de uma maneira lúdica. Desenvolve também a parte indutiva e racional através da expressão de suas emoções, leva também ao conhecimento de si mesmo e do mundo que o cerca.

Então o teatro na educação tem como objetivo criar uma comunicação entre os envolvidos a qual irá assumir vários aspectos dependendo do formato que se apresenta o conteúdo e o texto, mas sempre com o intuito de transmitir alguma coisa através das expressões corporais e da voz para que está assistindo.

Por isso é fundamental que as crianças gostem do que estão fazendo para tornar esta apresentação bem espontânea, pois quanto mais livre e espontâneo for o processo criativo nas aulas de teatro, mais didático será o seu resultado.

Outro caminho através do qual o teatro pode ser utilmente explorado na educação é o caminho das dramatizações consideradas como uma espécie de recurso pedagógico para o ensino de outras disciplinas.

Nenhum episódio da História relatado pelo professor mesmo se esta for enriquecida com diversos meios audiovisuais, ficará conscientizado e assimilado pelo aluno tão profundamente como seria o caso se o mesmo episódio tivesse sido vivido pelo próprio aluno, através de uma representação dramatizada; se ele tivesse tido a oportunidade de colocar-se na pele dos principais protagonistas do episódio e analisar as circunstâncias a partir de seus respectivos pontos de vista.

A História aparece como a disciplina mais obviamente predestinada a valer-se destes tipos de recursos teatrais, mas com um pouco de imaginação eles poderão ser muito bem aproveitado, também, para auxiliar o ensino de praticamente todas as disciplinas. O importante, nesse uso das técnicas teatrais como meio prático de outras disciplinas é não perder de vista que não é esta a finalidade precípua do teatro na educação e que o objetivo principal a ser almejado precisa ser a auto-expressão e o auto-conhecimento do aluno, através do jogo teatral.

A expressão é um direito de qualquer indivíduo, sabe-se também que não é um dom divino, mas uma forma de contato humano.

Ao observar uma criança em suas primeiras manifestações dramatizadas, o jogo simbólico, percebe-se a procura na organização de seu conhecimento do mundo de forma integradora.

A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de interpretação e de promoção de equilíbrio entre ele e o meio ambiente.

Dramatizar não é somente uma realização de necessidade individual na interação simbólica com a realidade, proporcionando condições para um crescimento pessoal, mas uma atividade coletiva em que a expressão individual é escolhida.

A criança, ao começar a freqüentar a escola, possui a capacidade de teatralidade como um potencial e como uma prática espontânea vivenciada nos jogos de faz-de-conta. Cabe à escola ao desenvolvimento no jogo dramatizado

oferecendo condições para o exercício consciente e eficaz, para a aquisição e ordenação progressiva da linguagem dramática. Deve tornar consciente as suas possibilidades sem a perda de sua espontaneidade lúdica e criativa que é característica da criança ao ingressar na escola. (PCN, 1998, p. 84).

Desde muito cedo a criança brinca. Mas aos poucos o brincar, principalmente o jogo simbólico vai cedendo ao jogo de regras. Na escola esse jogo torna-se coletivo, se até então ele era realizado sem uma finalidade específica, por simples prazer, o que não queremos dizer que na escola o jogo não tenha essa função, a de dar prazer à criança, mas agora ele tem uma finalidade, desde que o professor tenha planejado sua ação e espere um resultado dela.

Desta forma, o jogo na escola, ou na sala de aula, torna-se coletivo, nada mais é do que um exercício em que se respeitam regras e se constitui a base do contrato moral.

As regras pressupõem relações sociais. Ao respeitar as regras de um jogo percebe-se a Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKY, 1989, p 10), o que nada mais é do que aquilo que a criança já sabe, já é capaz de realizar sozinha, pois nessa atividade a criança ultrapassa o nível a que está habituada, fazendo com que pareça maior que é. O jogo exige isso da criança. E esse nível a mais, e a capacidade que a criança tem de crescer, de avançar, desafiar seus próprios limites, ações e pensamentos.

Além disso, o jogo possibilita a criança o preenchimento de suas necessidades, as quais ainda não realizam. Sendo assim, para o desenvolvimento da criança, a brincadeira, o jogo traz vantagens sociais, cognitivas e afetivas, apresentando características que favorecem esse desenvolvimento: a imaginação, a imitação e a regra.

Todos nós sabemos, que quando os conteúdos escolares são representados de uma maneira lúdica, a criança os aprende verdadeiramente e com mais facilidade. E quando o professor propicia o trabalho coletivo, de cooperação de comunicação e socialização, os jogos passam a ter significado positivo e são de grande utilidade no processo de alfabetização.

Tanto que, Piaget & Vygotsky em suas várias teorias, ao fazerem colocações sobre o jogo simbólico, reforçam o valor deste, no desenvolvimento da criança e na construção da personalidade, envolvendo aspectos cognitivos e afetivos.

O sucesso no processo da construção da escrita e da leitura tem como base as primeiras interações das crianças com as representações, daí a importância de incluir o lúdico neste processo.

A expectativa da criança em relação à escola é muito grande. Muitas vezes se decepcionam com esse ambiente, que não é aquele sonhado, e todo aquele

interesse transforma-se em falta de interesse e desprazer pelo ambiente escolar.

Hoje sabemos que várias teorias estimulam a brincadeira, como forma de tornar a prática do professor mais eficiente, manter o aluno interessado, e com melhores resultados na aprendizagem e até na disciplina do aluno em sala de aula.

Arte é forma de conhecimento, pois envolve a história, a sociedade, a vida. Não está apenas ligada a idéia de prazer estético, contemplação passiva, mas ao contrário, é dinâmica e representa trabalho já que possui forças materiais e produtivas que impulsionam as relações históricas e sociais e levam o homem à compreensão de si mesmo e da sociedade. (CAVASSIN, 2008. p 49)

A criança, ao iniciar sua escolaridade, está na idade de vivenciar o companheirismo como um processo de socialização, de estabelecimento de amizade. Compartilhar uma atividade lúdica e criativa baseada na experimentação e na compreensão é um estímulo para a aprendizagem.

O teatro no processo de formação da criança cumpre não só função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com seus grupos.

No dinamismo da experimentação, da fluência crítica propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar por todas as emergências internas integrando a imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio.

O teatro está em permanente transformação, orientado por novas exigências e necessidades do ser humano. É representação, daí sua importância para a educação. O espaço teatral é tudo: a rua, o pátio, a sala de aula, a sala de teatro tradicional.

Por meio da dramatização, a criança desenvolve suas idéias, a consciência do outro e dela própria, a comunicação verbal e não verbal. Por meio da dramatização, a criança experiência o mundo, ampliando seus conceitos de caráter e de ação, aprofunda a percepção e desenvolve a sensibilidade.

Apresenta-se, assim, através do ensino do Teatro, a importância do desenvolvimento de uma educação Progressista para o desenvolvimento do pensamento complexo na amplitude da capacidade de viver relacionando as partes com o todo; do pensar sobre pensar o próprio pensar e da consciência e autonomia que melhoram as perspectivas individuais e coletivas, uma

necessidade é urgente diante do contexto atual que renega o conhecimento não racional e sensível e valoriza a cultura como produto (CAVASSIN, 2008, p 51)

Ao observarmos uma criança brincando de ser outra pessoa, inventando situações, disfarçando com roupas e objetos, percebemos que ela está representando, apesar de não ter público, mesmo assim seus gestos, movimentos, palavras, improvisação é capaz de interpretar personagens e comunicar idéias por meio da representação aguçando sua aprendizagem.

Provavelmente, em algum momento já nos perguntamos quando o ser humano começou a representar, por que o fez e como teriam sido as primeiras representações, segundo estudiosos os seres humanos tinham necessidades de representar para expressar suas alegrias, tristezas e dúvidas.

Nessas ocasiões acontece com a criança no seu processo de alfabetização começa a desenvolver a capacidade do aluno entender e sentir o teatro exigindo mais do que simplesmente pedir que ele expresse seus sentimentos a respeito do que se viu.

Muitas vezes, quando estamos brincando de ser outras pessoas, podemos imitar as pessoas ou criar situações imaginárias.

Quando brincamos de ser outras pessoas, coisas, ou bichos, imaginamos lugares, transformamos objetos e criamos situações nas quais estamos, sem saber, representando: criamos papéis, montamos um espaço cênico, utilizamos objetos e entramos em uma história inventada na qual nos comportamos de acordo com os personagens criados. A brincadeira ou o jogo faz com que, como num passe de mágica, nos transformemos em outra pessoa ou outra coisa. É divertido brincar e também nos dá a possibilidade de aprender como os adultos se comportam.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1999, p 115), o ser humano é capaz de repetir as ações e as intenções dos outros e também pode se divertir fazendo isso. Todos nós já tentamos alguma vez mostrar para um grupo os movimentos, as palavras e as maneiras de uma pessoa, ou reproduzir os gestos e a voz de alguém. Na maioria das brincadeiras aparecem cenas imaginárias ou cenas da vida real.

Segundo os PCNs(1998. p 85), quando as crianças brincam de representar as atitudes dos adultos à sua volta, passam a inventar suas próprias histórias. Dessa forma, aprendem a se relacionar com seu grupo e com pessoas em geral.

Podemos também improvisar situações e entrar em ação usando a imaginação criando novos personagens e situações.

Quando o teatro é representado no palco, os atores devem falar e gesticular de forma que todo o público possa entender o espetáculo.

Precisam de concentração para não esquecer o texto nem os movimentos que devem fazer e que foram estabelecidos nos ensaios.

O corpo e a voz são os principais instrumentos de trabalho, para fazer teatro precisamos explorar e exercitar nossos movimentos e a nossa voz.

Para começar a improvisar e representar é sempre bom fazer primeiro um aquecimento, podendo então ser feito passo a passo, partindo de atividades simples lembrando dos movimentos de alguns animais. (BRASIL, 1998 p 86)

É importante não esquecer que o rosto também faz parte da expressão de nosso corpo. Devemos também exercitar os movimentos faciais, o que acaba sendo divertido, podendo então brincar de careta.

Quando improvisamos ou representamos um personagem numa cena, devemos nos preocupar em falar de forma que todos entendam cada palavra que pronunciamos porque a apresentação não pode ser interrompida para esclarecer o que foi dito. (BRASIL, 1998, p 87)

Para exercitar a voz, podemos brincar de cantar as nossas músicas preferidas, bem baixinho e depois bem alto. Quando um ator fala com clareza, pronuncie bem as palavras e controla sua voz, dizemos que ele tem boa dicção.

Em nosso dia-a-dia podemos observar diferentes gestos e movimentos das pessoas ou dos animais. Cada pessoa tem seu jeito próprio de se deslocar, há também diferentes expressões faciais.

Se observarmos o que está a nossa volta podemos criar muitos personagens e situações para cenas de teatro, podemos usar nosso corpo, movimentos e gestos para brincar de mímica. O exercício de observação é muito importante para criarmos personagens nas peças teatrais.

Para dar vida a qualquer elemento da realidade no palco ou em sala de aula, devemos usar nosso corpo representando, uma árvore, um armário que anda, a água do rio, uma montanha que se move, uma televisão ligada. Além de ser um bom exercício pode ajudar a compor cenas de teatros. (ALMEIDA, 2003, p 48)

Às vezes enfrentamos problemas na escola com crianças que não conseguem prestar atenção na aula, no que os outros dizem ou no que está lendo. A tensão pode fazer pensar que uma atividade é complicada, quando na verdade não é.

Para Almeida (2003, p 49), os jogos da infância são espetáculos que dispensam espectadores, é puro teatro, que tem fim em si mesmo. Pouco importa para a criança que alguém a veja brincar.

Enquanto sua imaginação ainda não estiver sufocada por uma educação rígida e rotineira que a obrigue a copiar e banalizar, a criança sempre terá preferência pelos jogos livres, sem regras escritas e preestabelecidas, por isso mesmo no próximo capítulo falaremos sobre a criança no processo de alfabetização.

Através das leituras conclui-se que o teatro dentro da escola trás vários benefícios principalmente quando usado para alfabetizar. Além disso, o teatro também ajuda na socialização e desenvolvimento da linguagem oral e corporal da criança.

O teatro é, por excelência, uma atividade coletiva, pois o aluno pode aprender a ler através de jogos dramáticos, porque todo o jogo faz parte do mundo infantil. A integração de todos os meios de expressão podem ser observados na própria atividade global e dinâmica, realizada espontaneamente pela criança no seu cotidiano: quando brinca, canta, joga, conta histórias, movimenta-se, enfim quando exprime das mais diferentes maneiras o seu potencial criativo.

O ato de brincar é próprio da criança; que brincando ela aprende mais e melhor, porque ela encontra equilíbrio com o mundo e desenvolve-se integralmente, sendo que através do lúdico ela desperta para a aprendizagem de maneira prazerosa e agradável.

O uso do teatro em sala de aula facilita o entendimento das atividades, tornando-as mais acessíveis e interessantes. O aluno construindo o seu saber, de forma coletiva, aprende a ser crítico, a memorizar os passos das atividades, a observar a seqüência e o resultado final, a coordenar as atividades propostas.

E durante o jogo teatral que a criança investiga os fatos, formula hipóteses, identifica as semelhanças e as diferenças entre seus pares e objetos. Este não acontece de maneira individual, mas, coletivamente e, não é apenas uma forma de divertimento, mas, um meio que contribui e enriquece o desenvolvimento intelectual.

Teatro na escola

Teatro na escola tem uma importância fundamental na educação, podendo colaborar para que a criança tenha oportunidade de atuar efetivamente no mundo, opinando, criticando e sugerindo e, também permite ajudar o aluno a

desenvolver alguns aspectos: criatividade, coordenação, memorização, e vocabulário.

A escola que insere o teatro em suas atividades faz com que seus alunos construam um crescimento cultural que vai além da sala de aula, por meio do discurso espontâneo da linguagem teatral, motivando e despertando uma aprendizagem prazerosa, construindo o desejo de se aprender. O teatro, quando devidamente estruturado e acompanhado, ajuda o professor a perceber traços da personalidade do aluno, do seu comportamento individual e em grupo, traços do seu desenvolvimento, permitindo um melhor direcionamento para a aplicação do seu trabalho pedagógico. No entanto é de enorme importância que o professor de teatro tenha formação não só pedagógica mas também artística, pois um mau direcionamento poderá levar a problemas futuros irreversíveis no desenvolvimento da criança. Para que o docente apresente aos educandos um conhecimento real e reflexivo, é essencial que seja levado em conta todo o contexto sócio cultural e econômico, partindo das experiências do mesmo.

O teatro direcionado às crianças deve estar obrigatoriamente relacionado com diversas áreas como a psicologia e a música, e não somente relacionado à disciplina de artes. É importante ainda utilizar o teatro por meio de recursos pedagógicos, pois apenas apresentá-lo de qualquer forma as crianças, sem que ocorra o planejamento, os resultados finais podem se tornar ineficazes, não atingindo o que se pretende desenvolver.

O teatro na escola pode colaborar para que as crianças possam se relacionar melhor com os colegas e o meio onde vive; construam seu conhecimento brincando e descobrindo seus espaços, se tornem mais participativos e responsáveis nas atividades em sala, projetos, e dinâmicas; formando indivíduos críticos e atuantes de sua própria realidade, opinando e sugerindo, formando cidadãos que valorizem as experiências e sabem lidar com as diferenças sociais do seu bairro. Os professores, familiares e a comunidade, devem conhecer a importância do teatro na formação dos alunos, a fim de contribuírem participando junto com os mesmos. Existem várias formas de teatro, porém os mais conhecidos são: onde o próprio homem atua, utilizando tanto máscaras ou fantoches, como também a sua imagem.

O teatro infantil

As modalidades de teatro aplicadas na escola focam uma proposta de ensino diferente da forma tradicional.

O teatro infantil é uma apresentação cênica feita para crianças onde os atores utilizam muita criatividade, imaginação, fantasia e emoção. Os temas mais utilizados são os contos de fadas e fábulas.Por que é isso que alegra mais as crianças.Isso dá muita imaginação e criatividades para os pequeninos.

Outro temas abordados no teatro infantil, principalmente no teatro destinado às escolas, são os temas transversais.

Teatro de fantoches

O teatro de bonecos teve sua origem na Antigüidade.

Os homens começaram a modelar bonecos no barro, mas sem movimentos e aos poucos foram aprimorando esses bonecos, conseguindo mais tarde a articulação da cabeça e membros para fazer representações com eles.

Teatro de máscaras

O homem usa máscaras desde a Pré-História nos rituais religiosos. Na África, elas são esculpidas em madeira e pintadas. Já os índios americanos fazem-nas de couro pintado e adornos de penas. Na Oceania, são feitas de conchas e madeira e com madrepérolas incrustadas.

Existe um tipo muito antigo de máscara que é aquela desenhada no próprio rosto com tintas especiais, maquiagens e pinturas. Este tipo é muito utilizado pelos índios e pelos africanos nos seus rituais religiosos, de guerra, festas, etc.

Para a confecção, pode-se usar sacos de papel, cartolinas, tecidos, tintas, pratos de papelão, jornal, material de sucata, etc.

Esta atividade não é difícil de ser executada e será prazerosa para as crianças, pois elas poderão representar uma história com um material que elas mesmo elaboraram, pois estarão criando e recriando à sua própria dialética.

O teatro de máscaras promove a recreação, o jogo, a socialização, melhoria na fala da criança, desinibição dos alunos mais tímidos. Quando o trabalho em aula exigir o uso da palavra, a máscara que deve ser utilizada é aquela que cobre os olhos e o nariz deixando a boca livre, permitindo que a voz saia clara, exibindo a sua expressão verbal.

As crianças, representando com o rosto oculto, se permitem viver o enredo dos próprios personagens e o cotidiano social a que pertence.

A Evolução do conceito de artes

Com a evolução do ser humano, a arte passou a ganhar outro status: servia também à representação do belo e dos sentimentos que as pessoas queriam passar com as cores, os sons e os materiais utilizados.

Passou a retratar não só beleza e gostos, mas a identidade cultural de povos em todo o mundo nas diversas gerações.

Embora tenha havido divisão entre os que valorizam a linguagem artística e os que as desqualificam, as artes têm sido matérias de estudo para identificar sua importância no desenvolvimento do indivíduo por completo, em educação.

Artes nas escolas

Aos poucos as disciplinas de artes, que em algum tempo foi Educação Artística, vêm conquistando espaço nos centros de estudos e nas políticas educacionais.

Acabam de serem incluídas como obrigatórias nas escolas, segundo a Base Nacional do Comum Curricular homologada pelo Ministro da Educação, Mendonça Filho (Dezembro- 2017) as linguagens de Artes visuais, dança, teatro e música.

Na verdade, de certo modo já havia sido desde a lei 13278 de 2016 alterando a 9394 de 96 (LDB) onde a Música fazia parte do ensino de Artes, mas não era obrigatório e incluindo as demais modalidades.

O papel das disciplinas de Artes na educação é muito importante. As linguagens artísticas ajudam o ser humano a desenvolver diversos aspectos nas diversas fases da vida.

2. SIGNIFICADO DAS ARTES VISUAIS

Abrange qualquer forma de representação visual, ou seja, cor e forma. Outras formas visuais dramáticas costumam ser incluídas em outras categorias, como teatro, música ou ópera, apesar de não existir fronteira rígida.

Como disciplina do conhecimento humano, a arte contribui para compreensão do novo, inédito, irracional, e propõe mudanças nas bases teóricas do conhecimento e nas técnicas pedagógicas aplicadas. Através dessas práticas as aulas de arte acontecem no laboratório de artes na própria escola, onde as experiências mostram que não cria apenas produtos artísticos, mas também os aprecia, examina e avalia. O processo de ensino-aprendizagem da arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, considerando que a arte é algo “universal”. O processo é importante para a formação enquanto o sujeito social.
Segundo o PCN Arte (1997) a educação em Arte deve propiciar essencialmente o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética do aluno, pois desenvolve a sensibilidade, a percepção e a imaginação, no que diz respeito às diversas formas artísticas quanto com relação à maneira de apreciar e conhecer as produções e diferentes culturas da humanidade.

O olhar do aluno pelos trabalhos práticos realizados em sala de aula é atentamente observado. É importante saber do aluno que transformações artísticas acontecem quando trabalham a releitura de obras, que contexto cultural influencia suas escolhas, e em que momento da história a obra foi criada.

Segundo a LDB 9394/96, no seu artigo 26, parágrafo 2º, pressupõe-se que o ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Aprender arte envolve basicamente a apreciação e a reflexão sobre elas, as formas da natureza e as produções artísticas individuais e coletivas de varias culturas e épocas, além de ser uma atividade prazerosa, levam os alunos a descobrirem, criarem, saberem compartilhar experiências e trabalhar a imaginação em realizar diferentes atividades no ensino fundamental.

Vygotsky (1999), fala da importância da Arte não só como expressão de sentimentos; diz que “a arte surge inicialmente como o mais forte instrumento na luta pela existência, e não se pode admitir nem a idéia de que o seu papel

se reduza a comunicar sentimentos e que ela não implique nenhum poder sobre esse sentimento” (p.310).

Cabe ao professor entender, estimular e criar um ambiente que possibilite observar cada atividade. E sobre as suas intervenções, é importante a clareza dos objetivos, tanto nas atividades livres que os alunos escolhem os materiais e temas, quanto às fechadas que o professor propõe os temas e estratégias.

Como fazer um bom trabalho de artes visuais para a educação infantil?

Realizar um inventário dos conhecimentos que os alunos trazem sobre arte;
Apresentar textos, imagens e vídeos de movimentos artísticos históricos e contemporâneos e estabelecer uma conexão entre eles (por exemplo, a Roda de Bicicleta...).
Observar e registrar com textos, desenhos e fotos a paisagem da trajetória casa-escola-casa;
Visitar museus e pontos centrais da cidade. Incentivar um olhar atento para detalhes das paisagens, como monumentos, grafites e painéis publicitários;
Estimular a reflexão e a discussão: o que essas imagens têm em comum com o aluno, com a escola, com a cidade, com a arte?
Planejar e produzir os objetos de arte através de textos e manipulação de materiais e suportes diversos;
Elaborar dossiês com o planejamento completo das obras de arte dos alunos;
Organizar uma exposição dos trabalhos no ambiente escolar;
Registrar em vídeo todo o processo da criação dos estudantes;
Idealizar um blog também como meio de abarcar os registros visuais;
Avaliar todo processo da aprendizagem a partir da vivência artística e dos objetos de arte produzidos pelos alunos.